





JOSÉ
DAUSTER

ME MORI ÁRIO

▪ I | P | D ▪

© by José Dauster – 1999

FICHA TÉCNICA

Organizadores:
Jorio Dauster
Geremias Pignaton

Ilustrações:
Diego Scarparo

Editor:
Victor Tagore

Auxiliar Editorial:
Regina Albuquerque

Colaboração:
Marina Oliveira

Revisão de texto:
Jorio Dauster

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação:
Eward S. Bonasser Jr.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D244m Dauster, José

Memoriário / José Dauster; organização de Jorio Dauster e Geremias Pignaton. – Brasília: Trampolim, 2017.

90 p. il.

ISBN: 978-85-5325-001-1

1. Romance. 2. Memórias. I. Título II. Dauster, Jorio
CDU 82-94

Contatos:

Geremias Pignaton – gereblog@gmail.com
Jorio Dauster – jorio@dauster.com
Tagore Editora – contato@tagoreeditora.com.br

IPD é uma marca da TAGORE EDITORA.

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

TAGORE EDITORA

SRTVS Quadra 701, Bloco O, Edifício Novo Centro Multiempresarial, sala 203.
CEP: 70.340-000, Brasília, DF.

PREFÁCIO

Antes da chegada dos imigrantes italianos e nordestinos, Ibiraçu era uma imensa floresta despovoada, área de locomoção dos Botocudos, índios nômades que ocupavam a zona central norte do Espírito Santo, temidos guerreiros antropófagos. O território pertencia a Santa Cruz, uma vila situada na desembocadura do Rio Piraqueassu, fundada por jesuítas que permaneceram ali por muitos anos numa missão de evangelização dos índios do litoral. Santa Cruz abrangia um imenso território que ia de Nova Almeida a Linhares, do oceano à Serra dos Aimorés. Vivia-se ali sobretudo das rendas da extração das madeiras abundantes nas matas da planície litorânea e da fabricação de açúcar em rudimentares engenhos espalhados por fazendas da região.

No segundo semestre de 1877, chegaram três navios a vapor com famílias de imigrantes italianos, a maioria proveniente do nordeste da Itália, e foram assentados nas terras onde hoje é Ibiraçu. O local era inóspito, com o clima quente e úmido e a incidência de febres que vitimavam muitas pessoas. Os imigrantes ali instalados ficaram isolados com poucos recursos por quase três décadas. Junto às centenas de famílias de italianos, foram assentadas também algumas

famílias de retirantes que fugiram de uma terrível seca no sertão do nordeste do Brasil.

Apesar do isolamento e das péssimas condições, os imigrantes tinham a cultura do trabalho, eram duros camponeses e fizeram a região prosperar, sobretudo com o cultivo do café. Tanto que, 14 anos depois da chegada deles, em 11 de setembro de 1891, Ibirapu se emancipou de Santa Cruz, passando a ser um novo município do estado do Espírito Santo, chamado naquela época Pau Gigante. Esse nome, segundo relato de antigos moradores, foi dado ao lugar devido a existência de uma imensa árvore, provavelmente um jequitibá-rosa, que caiu sobre um riacho e serviu de ponte por muitos anos.

Em 1905, o isolamento da Vila de Pau Gigante diminuiu. Chegou à cidadezinha a linha da Estrada de Ferro Vitória a Minas. Os habitantes passaram a viajar e se comunicarem com mais facilidade. Tiveram acesso ao telégrafo da estação e aos jornais vindos da capital. Puderam transportar sua produção e importar produtos de sua necessidade. A estação ferroviária recebeu o nome de Lauro Muller, muitas vezes confundido com o próprio nome da cidade.

Na virada do Século XIX para o Século XX, chega a Ibirapu, proveniente de Santa Cruz, a família de José Daus-ter. Os pais dele eram Domício Martins da Silva e Petrolina da Motta e Silva. Não sabemos a data exata da chegada de Domício a Ibirapu, sabemos apenas que foi logo após seu casamento, que aconteceu em 1899. Ele veio de Santa Cruz para trabalhar como escriturário no cartório do cunhado João Alves da Motta Júnior. Passou também a trabalhar como guarda-livros na casa comercial da viúva Giacinta Guidetti, a mais rica comerciante da região. Alguns anos depois, ele abriu seu próprio comércio.

Aqui cabe uma pequena digressão. Giacinta Guidetti foi uma personagem muito interessante e intrigante da história de Ibirapu. Ela veio da Itália em 1877 casada com Antonio Musso. Ficou viúva e passou a viver maritalmente com o rico e influente comerciante Cesare Guidetti. Sem ter se casado oficialmente com a viúva Musso, Cesare faleceu subitamente de ataque cardíaco. Contava-se nas ruas da cidade que se juntaram as autoridades cartorárias com alguns amigos testemunhas, dizia-se que até o padre participou, e fizeram o casamento do morto com a viúva Musso Guidetti. Diziam que Negri Oreste, personagem histórico importante da cidade de João Neiva, pôs-se debaixo do morto e, às perguntas do juiz do casamento, balançava a cabeça do defunto em sinal afirmativo. O próprio Negri Oreste foi o responsável pela assinatura por procuração póstuma do morto que estava impossibilitado de assinar. Esse episódio em Ibirapu é merecedor de cena em um filme de Fellini.

Conto outro acontecimento digno do realismo fantástico de Gabriel Garcia Marquez. Ibirapu emancipou-se, como disse anteriormente, em setembro de 1891. O General Aristides Armínio Guaraná, que havia fundado a cidade quando assentou os imigrantes italianos na qualidade de administrador do Núcleo Colonial, também foi grande artífice da emancipação do município. Com sua influência política na capital, conseguiu aprovar a lei que criou Ibirapu, desmembrando-o do território de Santa Cruz. Na ocasião das eleições dos representantes do novo município, Guaraná conseguiu eleger seu sogro, o italiano Eduardo Gabrielli, para ser nosso primeiro prefeito, cargo que na época se chamava Presidente da Intendência. O Professor Narceu de Paiva Filho, pesquisador da história do nosso lugar, no seu livro

“Homens que Fizeram Ibirapu”, conta que, conforme depoimento de descendentes do nosso primeiro prefeito, Eduardo Gabrielli era filho de Giovanni Maria Mastai Ferretti, o Papa Pio IX, fruto de uma aventura amorosa do jovem futuro papa antes de se tornar clérigo católico. Pense bem, caro leitor, o primeiro prefeito de Ibirapu foi o filho bastardo do Papa! E não era de um papa qualquer, Pio IX foi o pontífice mais longevo da história, quase 33 anos de pontificado. Essa deve ser a causa de nossas eleições para prefeito serem tão acirradas. A disputa é pela cadeira que já foi ocupada pelo filho do Sumo Pontífice.

O pai de José Dauster, Domício Martins, além de comerciante, foi também o prefeito que mais tempo administrou nossa cidade. Ele exerceu esse cargo por quase 19 anos, no período de 1908 a 1928, com um pequeno intervalo entre 1914 e 1916. Naquela época não havia eleição direta para prefeito. O povo elegia um colegiado parecido com uma câmara de vereadores e os membros desse colegiado escolhiam um deles para ser o administrador da cidade. Domício, muito querido pela população, era sempre eleito pelo povo para esse colegiado e escolhido pelos seus pares para administrar a cidade. Dentre muitas de suas realizações, destaco duas obras: a Usina Santa Teresinha de geração de energia elétrica, um avanço para a época, inaugurada em 1926, e o prédio para abrigar a escola, que ainda está na Avenida Conde D’Eu, datado de 1923, onde hoje funciona a biblioteca e o Centro Cultural Roque Peruch. A rua que hoje liga o centro da cidade ao Bairro Cohab recebe o nome de Domício Martins.

O autor deste Memoriário, José Dauster, filho de Domício Martins, nasceu em 1907 e morou em Ibirapu até ir

estudar em Vitória. Mesmo residindo fora para estudar, sempre voltava em visitas à família, que continuou residindo em Ibiraçu até 1931. José Dauster se formou médico e exerceu sua profissão com brilhantismo até a morte, em 1990, na cidade do Rio de Janeiro. Depois que sua família mudou de Pau Gigante, voltou apenas uma vez, em avançada idade, acompanhado de dois sobrinhos também nascidos na cidade.

Quatro décadas depois de ter saído de Pau Gigante, no fim dos anos 50, José Dauster começou a escrever as memórias de infância num caderninho de anotações que ainda se encontra com seu filho Jorio. Só concluiu o trabalho nos anos 80 a pedido de sua nora, Lúcia, que insistiu para ele acabar o belo relato.

Conheci o Memoriário no ano de 2012, indicado por um primo. O livro está generosamente disponível na internet em PDF. O filho de José Dauster, Jorio, fez uma primeira edição de pequena tiragem, quase que exclusivamente para ser distribuída aos familiares, e a dispôs na internet. Ao ler o livro, fiquei maravilhado. Além de muito bem escrito, em estilo simples muito apropriado para uma memória de infância, tem imenso valor histórico para Ibiraçu e Aracruz. Ao terminar a leitura, minha reação foi fazer cópias para levar a Ibiraçu e distribuir a familiares e amigos. A primeira cópia dei a minha mãe que adorou o livro. Ela morreu alguns dias depois. Foi o último livro que ela leu.

Mesmo tendo nascido quase 60 anos depois de José Dauster, muitos episódios da sua infância em Pau Gigante coincidem com minhas vivências infantis. Não vi o esplendoroso cometa Halley de 1910, mas lembro-me dos relatos de minhas duas avós. Elas me contavam a mesma história.

Diziam que o cometa clareava mais do que a lua cheia e, nos momentos de brilho mais intenso da estrela de rabo, as galinhas saiam do galinheiro achando que o dia estava amanhecendo. Apontando para o céu, diziam que a cauda era tão larga e comprida que ocupava quase metade do firmamento. Assim como José Dauster, eu também nadei muito nos rios que atravessam a cidade, mergulhei nas águas saltando dos barrancos e pesquei com as mãos nas locas das margens, pegando lagostas, camarões, cascudos e outros peixes. Brinquei muito de polícia e ladrão pelas ruas da cidade e fundos de quintais. Também apanhei água de beber na biquinha em latas e vasilhas de plástico e me fartei com as nossas deliciosas laranjas cravos, nossas mexericas nativas – não aqueles de enxerto, sem gosto, que criaram para aumentar ganho comercial -, aquelas que José Dauster descreve tão grandes como um pires de chá e que não encontramos em outro local fora da nossa região. Não peguei ponga pendurado nos vagões do trem que deixou de cruzar a cidade em 1947, mas conheci a velha estação Lauro Muller, demolida para dar passagem à BR 101 no final dos anos 60.

Fiquei maravilhado também por poder encontrar no Memoriário com personagens históricos importantes da nossa cidade. Giacinta Guidetti, a viúva rica e mandachuva, aquela que casou com o morto, cujas ordens atingiam a todos, inclusive as autoridades. O enigmático médico bolognês, Fosculo Ghelfi, genro da viúva Guidetti, que, ao perder de forma prematura a amada esposa, vem para o Brasil viver deprimido, isolado em seu casarão, um eremita afastado de sua profissão e da sociedade. O juiz professor Dr. Oscar que abriu em sua casa uma escola internato e, nos moldes dos professores régios do período colonial e dos preceptores do

império, oferece educação de qualidade para os filhos dos ricos fazendeiros e comerciantes de toda a região norte do estado. O nome dele, Desembargador Oscar Faria Santos, é hoje o nome do fórum de Ibiraçu.

Também faz parte deste livro o posfácio escrito por Jorio Dauster, filho do autor, por ocasião da primeira edição. É uma peça de dez páginas com um imenso valor literário. Confesso que fiquei muito emocionado durante a leitura. Ora me arrepiava, como quando escuto uma música muito bela; ora enchia os olhos de água, como quando vejo uma cena emocionante no cinema. O filho produziu uma homenagem maravilhosa ao pai e nos possibilitou melhor entendimento daquilo que lemos no corpo do livro. A narrativa do acidente do olho e a compreensão do problema vivido pelo pai, fato este quase omitido por ele no livro, chega a ser poético.

Ficará nítido ao leitor o quanto este livro é importante para Ibiraçu. Foi um presente precioso deixado por José Dauster para nós Ibiraçuenses. Como estudante e pesquisador de história, ousou dizer que, com esta obra, ele rivaliza em importância para a cidade com o seu pai. Sem tirar a importância de Domício Martins para Ibiraçu, ao contrário, sempre enaltecendo o maior prefeito que Ibiraçu já teve, mas a narrativa de seu filho José Dauster nesse Memoriário é a peça mais bela que já foi escrita sobre a cidade.

Este livro é igualmente muito importante para a história de Aracruz. Ao relatar as viagens de férias que ele fazia com a mãe e os irmãos para a casa dos avós em Santa Cruz, o autor descreve aquela vila na foz do Piraqueassu e nos dá uma boa ideia do trajeto que os habitantes de Pau Gigante

faziam para se comunicarem com o mundo, antes da passagem da Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Eu e Jorio Dauster decidimos fazer esta edição como uma homenagem ao seu pai e como um presente para as cidades de Ibiraçu e Aracruz.

Caro leitor, deixemos de delongas, vá logo à leitura do livro. Você viajará para quatro infâncias: a infância de José Dauster, a infância da querida cidade de Ibiraçu, a infância do fantástico e tenebroso Século XX e a sua própria infância. Boa viagem!

Geremias Pignaton
Brasília, novembro de 2017.

O lugar onde nasci é hoje cidade, cidade pequena, lá do interior do país. Naquele tempo, quando vim ao mundo, nem sei se era vila, sede de município. Agora mudou de nome - não troca verdadeira de nome, mas simples tradução. Igual peripécia poucas vezes terá sido vivida por outra localidade: ter seu nome não substituído por outro, mas apenas vertido. E de uma língua viva para uma língua que, se não morta, pouco é falada. Não custa perceber a razão. É que era meio escabroso se dizer filho de *Pau Gigante*. O mesmo se dava quando as pessoas mencionavam que fulano era alguém de *Pau Gigante*. Isso se prestava a dichotes e chalaças. Muitos que ali nasceram até carregaram o nome do lugar como apelido. Anedotas tiveram origem e curso com base na denominação, pois existiam por perto lugares que davam azo às brincadeiras, tal como Córrego Pequeno, Fundão – e até lembravam de Curralinho... Hoje tais dificuldades só podem existir em conversa de índio, porque o nome só é pau gigante na língua tupi-guarani – *Ibiraçu*.

As ruas eram tão poucas que não possuíam nomes a designá-las. Havia a rua principal, longa, tortuosa, irregular.

Não tinha largura uniforme, nem era plana. Muito variada em sua disposição. Sem calçamento, a superfície era de barro e saibro. Apenas algumas poucas casas ostentavam calçadas. Quando chovia, certos trechos se transformavam num lodaçal que não há como esquecer. Em outros pontos a água corria formando riachos, uma delícia para nós, garotos, que vivíamos quase permanentemente de pé no chão. A grande via se prolongava nas estradas que davam acesso ao lugarejo.

Outra rua não passava de longo e estreito aterro, reto, que levava à estação da estrada de ferro. Era antes um caminho. As casas que o tornariam uma rua de verdade só depois vieram a ser aos poucos construídas. Parece-me que foi feita antes de eu nascer, pois já existia desde as minhas mais remotas lembranças. Ainda outra rua foi criada mais tarde por obra de novo aterro, dando melhor e mais fácil acesso à estação e à igreja matriz, que ficava um pouco ao alto, na encosta de um morro, do outro lado da vila. Esta veio substituir o antigo caminho da igreja, que era estreito e atravessava uma pequena ponte: marginado por capoeiras, não apresentava mesmo o aspecto de rua.

Um rio e um riacho constituíam o sistema fluvial da localidade. O riacho corria paralelo à rua principal, com o rio cortando-o em T já na saída da vila. O casario se espalhava por um vale não muito profundo, cercado de morros cobertos de pastagens, de capoeiras ralas ou de velhos cafeeiros. Algumas montanhas surgiam azuladas mais ao fundo, com o Aricanga a leste e outra no lado oposto, arredondada, configurando uma meia cabeça vista de frente. Tendo como fundo de paisagem esta montanha, vi, em 1910, muito garoto ainda, ao cair da tarde, o cometa Halley, com admiração e espanto iguais

aos de todos ao meu redor. É uma das minhas mais antigas recordações.



UMA DAS COISAS CURIOSAS DE NOSSA TERRA ERA A COBERTURA DAS CASAS.

Poucas tinham tetos de telha. Em lugares do interior era comum ver aquelas telhas coloniais canalizadas, que se encontravam por toda parte. As telhas francesas, essas achatadas que hoje predominam, quase não existiam quando éramos pequenos. Mas as casas da vila eram em geral cobertas de taboinhas, feitas de uma madeira muito dura, fibrosa e áspera. Cortadas de forma retangular, alongadas, com cerca de trinta por dez centímetros e um centímetro e meio de espessura, recebiam um prego de pequeno tamanho, que não as trespassava. Pronta a cumeeira, dispostos os caibros

e ripas paralelamente, eram elas arrumadas lado a lado, uma cobrindo em parte a outra, formando um telhado perfeito. Não deixavam passar a água das chuvas e constituíam cobertura apropriada para o clima muito quente do lugar. As casas assim cobertas eram frescas mesmo sob o sol ardente, frescas mesmo nos sótãos, lá em cima, logo abaixo do teto.

Na vila não havia luz elétrica, não havia esgotos, não havia água encanada. Para os usos caseiros - cozinha, limpeza e banhos -, a água utilizada vinha do riacho ou do rio, sendo guardada em depósitos de folhas-de-flandres ou de barro. Algumas casas possuíam poços artesianos. Mas a água de beber era apanhada na *Bica*. Tratava-se de uma fonte natural situada em lugar ermo, sombreado de árvores, a água brotando da rocha viva - límpida, quase gelada, maravilhosa de gosto e de pureza. Ficava guardada em grandes potes de barro - as talhas -, colocadas em casa nos lugares menos expostos ao sol, nos compartimentos internos, para conservá-la fresca, leve e saborosa a qualquer hora do dia.

Andava-se mais de um quilômetro para alcançar a Bica. A obrigação de ir lá recolher água representava um dos maiores castigos a que nós, os garotos, nos víamos submetidos. A tarefa era dividida - porque éramos uns quatro a fazê-la. Era chato, era longe, o caminho por demais conhecido, os atrativos bastante reduzidos para constituir trabalho a ser executado com boa disposição. Apanhávamos a água em latas de querosene ou banha de vinte quilos, carregadas em carrinhos de madeira, feitos de caixotes também de querosene a que se apunham dois tirantes de madeira e uma roda. Esses carrinhos, puxados por uma só pessoa, vieram substituir as varas que carregávamos nos ombros, dois a dois, com as latas d'água penduradas no meio, como se

levam as redes no interior. A tarefa se tornava mais amena quando a fazíamos em grupo.

Mas não se pedisse pressa a quem ia buscá-la. O caminho era longo, cheio de curvas, ensombrado aqui e ali, também pisado por tropas de burros - que constituíam o meio de transporte habitual, pois não havia por lá veículos a gasolina naquele tempo. Passava-se ao lado de pastagens e antigos terrenos cultivados, em certo abandono, velhos cafezais não produtivos, já dominados pela capoeira. Mas nessas capoeiras havia sombrios e frescos recantos onde eram encontrados frutos silvestres, as goiabas pouco bichadas, os araçás, as amoras e, melhor do que tudo, saborosíssimos abacaxis e ananases, que representavam a recompensa maior do encargo de buscar água. Outros brinquedos havia que atrasavam o trabalho: as barragens feitas nos riachos próximos, onde montávamos pequenos monjolos feitos à mão, de madeiras moles e leves, dóceis ao fio das lâminas dos canivetes, nunca usados como arma e sim como ferramenta para cortar, para raspar e furar, para tudo enfim.



Os BANHOS DE RIO REPRESENTAVAM UMA DAS COISAS MAIS GOSTOSAS DAQUE-les tempos. Quando menores, os banhos eram escondidos dos pais, tomados a qualquer hora possível no riacho que corria paralelo à rua principal. Havia pequenos locais de remanso em que o riacho se alargava um pouco, com sua areia parda sobre o fundo escorregadio de tabatinga esbranquiçada. Onde as águas eram mais fundas tínhamos nossos banheiros preferidos. Enquanto se banhavam, os garotos

pescavam à unha camarões, lagostins e cascudos, enfiando os braços nas locas profundas onde se escondiam. Pescava-se também com pequenas peneiras de fibra e madeira, que aumentavam a chance de se apanhar camarões pequenos e as ágeis piabas. Pescaria interessante era também a que faziam às rãs, nos alagados constituídos por extravasamentos dos rios em terrenos baixos. Orientados pelo coaxar, os meninos se aproximavam sorrateiramente e metiam a mão por baixo do bolo espumoso e branco formado pela postura de ovos das rãs, que eram então agarradas em golpe rápido e seguro. Metidas num saco, eram carregadas para serem comidas bem assadas - as mais desenvolvidas, pois devolvíamos sempre às águas as pequenas, ainda filhotes.

O rio grande que passava no fundo da vila tinha banheiros maiores, mais profundos, mais perigosos. Eram em geral também mais distantes, mas constituíam o atrativo máximo da garotada. Todo guri almejava tomar banho no lugar frequentado pelos homens. Éramos proibidos, os pequenos, de nos metermos por lá. Sobre mim e meus irmãos pesava proibição severa. Mas éramos muitos - seis meninos numa família de quinze filhos, dez dos quais homens -, tornando impossível o controle de toda a turma. Além dos irmãos mais velhos, auxiliavam na vigilância nossos tios, que tinham autoridade delegada para agir. A ordem era se apoderarem de nossas roupas e levá-las para casa, deixando-nos pelados, sempre que nos encontrassem tomando banho em lugar proibido. Era justa a proibição. Os locais tão ambicionados pelos garotos eram profundos, traiçoeiros, remotos, sem nenhuma possibilidade de socorro imediato em caso de acidente. Havia alguns onde até jacarés tinham sido caçados. Mas não adiantava: o lugar interdito era sem-

pre o mais desejado. Nos seus brinquedos, os garotos habitualmente corriam tanto risco que não se deixariam deter por tais proibições.

Outros lugares onde a gurizada tomava banho, embora não sendo distantes, também ofereciam muito risco. Um desses era o “ladrão” do Moinho do Bepe Batista, assim denominado o local para onde era desviada a água represada que movia uma grande roda, o motor hidráulico do moinho de cana e das máquinas de beneficiamento de café. Era um espaço aberto, de paredões estacados para proteger o barranco contra a erosão, aprofundado pelo peso e força da água que caía de uma altura de seis a oito metros, fazendo um barulho de cachoeira. Quando a roda estava em atividade, a água que se projetava pelo “ladrão” ficava reduzida, e a garotada, nua em pelo, se atirava ao banho pulando de todas as alturas em mergulhos esplêndidos.



DENTRE AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS, ALÉM DA BARRA, DO PRESO FUGIDO e dos banhos de rio, havia o indefectível futebol. Era atividade de todas as horas livres desde que houvesse número suficiente de jogadores. Jogava-se de manhã, no recreio da escola e, à noite, até o escurecer. O mais comum era usar bola de meia mesmo. Havia garotos bons de bola e também muito hábeis na sua fabricação. O enchimento era de papel ou pano velho. Quem ganhasse uma bola de borracha se tornava o rei das peladas. Chegava a ser bajulado pelos outros. Era quem escolhia os times e governava o jogo, pois, se contrariado, interrompia a partida, botava a bola debaixo do braço e decidia a situação. Aparecer com uma bola de

couro com pneumático, de número 3, era uma coisa louca - o que de melhor se podia desejar. Só muito mais tarde elas se tornaram corriqueiras.

Ocorriam incidentes curiosos e engraçados. Lembro-me de um perfeitamente. Alguns vizinhos de campos de pelada adotavam atitudes irritantes, perseguindo a garotada quando fazia suas partidas. Além de reclamar e enxotar os guris, chegavam a tomar as bolas, não as devolvendo senão muitas horas depois. Certa vez, um desses vizinhos, raivoso, apanhou a bola de borracha - coisa rara na época - e a rasgou, atirando os pedaços de volta. A turma ficou desolada. Ninguém possuía outra bola. Precisava-se mandar comprar na capital do estado. Aquele gesto exigia uma revanche, e a gurizada levou horas bolando a vingança. Que foi executada durante a noite. No dia seguinte, a casa do irado cavaleiro, que era nova e toda caiada de branco, amanheceu inteiramente salpicada de bosta de vaca, material abundante no campo de pelada e nas imediações.

Já muito mais tarde conseguimos organizar clubes, comprando camisas, meias e chuteiras com extrema dificuldade. Construíram-se campos com traves de madeira obedecendo às medidas recomendadas. Vieram substituir os verdadeiros campos de pelada, com traves hipotéticas marcadas por montinhos de tijolos ou um pedaço de pau fincado no chão. E, nos campos grandes, os garotos não tinham vez.



DAS FRUTAS DA TERRA, AQUELAS QUE DOMINAM TODAS AS LEMBRANÇAS SÃO as laranjas-cravo, nome consagrado ali. Sabia-se existirem laranjas-baía, muito escassas por lá, e laranjas seletas, as

mais conhecidas entre as outras variedades. De laranja-pe-ra nunca ouvi falar em criança. As outras frutas eram as de todo o ano – goiabas, araçás e mamões. O abacaxi não era muito abundante, apesar de saborosíssimo. Mangas, melancias, caju e abios eram coisas raras. Poucas casas as tinham em seus pomares. Três coqueiros pouco produtivos se erguiam em nosso quintal, fornecendo alguns cocos da Bahia. Quando davam cachos, eles ficavam tão altos, tão fora de alcance da gente, que constituía um verdadeiro perigo tirar os cocos.

Mas a festa para nós era o tempo das laranjas-cravo. De junho a setembro estavam no auge. Fazíamos excursões em grupos a lugares longínquos, às fazendas dos colonos, para transportá-las nas pencas em que eram amarradas, ou então em sacos de pano pendurados a varas carregadas por duas pessoas. Trazíamos a maior quantidade possível depois de nos fartarmos delas, chupando-as lá nas grimpas das laranjeiras. Os colonos deixavam que as tirássemos de graça, nunca as cobravam. Calcule-se a farra que fazíamos, entre-meando o apanhá-las com banhos de rio ao longo dos caminhos. Jamais encontrei laranjas que se lhes comparassem em sabor, nunca vi em parte alguma outras que tivessem igual tamanho. Certas delas seriam capazes de cobrir um pires de chá de tamanho usual. Os nomes de tangerina e mexerica nunca pegaram. Para todos nós que lá nascemos, laranja boa mesmo era a laranja-cravo.



A VILA ERA SERVIDA POR UMA VIA FÉRREA. OS TRENS DE PASSAGEIROS LÁ PAS-
savam duas vezes por dia. Vindo da capital, subia em direção

à cidade de Aimorés, nos limites de Minas Gerais, um trem misto de passageiros e pequenas cargas que chegava às dez e meia da manhã. Trazia diariamente os jornais e o correio de todo o país. À tarde, às quinze horas, descia o outro trem, que vinha do interior rumo ao litoral. Muita gente ia sistematicamente assistir à passagem dos trens. A gurizada só o fazia se algum acontecimento especial promettesse alterar a rotina: quando chegava pessoa da família ou passava algum personagem ilustre que a tornasse festiva. Alguns garotos às vezes iam tentar fazer carroto, à caça de uns níqueis. Os trens de carga, mais frequentes, não despertavam interesse.

O horário dos trens era de ordinário muito regular. Raros eram os atrasos. Só aconteciam nas épocas de grandes chuvas, que causavam inundações, invadindo o leito da ferrovia. Mais raros ainda eram os acidentes ferroviários. Tão certa costumava ser a passagem dos comboios de passageiros que por ela se marcavam as horas. Algumas pessoas não faltavam à estação, ali se apresentando diariamente, de preferência pela manhã, aguardando o trem que vinha do litoral, da capital do estado. Nossa hora de entrar no colégio era às onze, de forma que, quando estávamos entretidos em qualquer atividade infantil, a passagem do trem servia de alerta para os preparativos de ida à escola. Contudo, antes mesmo da chegada do trem tínhamos um aviso de que a hora estava próxima. É que certo cavaleiro, ao cruzar a localidade ao longo da linha da estrada de ferro a fim de esperar o comboio, pigarreava tão alto, de forma tão escandalosa, tão característica e reiterada, que era ouvido de longe por todos. Os pigarros do sr. Freire valiam quase tanto quanto os apitos do trem anunciando sua chegada todas as manhãs.

Nos trens de passageiros, que diminuía a velocidade ao atravessar a vila, muitos garotos costumavam aventurar-se a fazer uma coisa muito perigosa, que era tomar *ponga*, isto é, pular nas escadas dos carros e ir até a estação, que ficava a cerca de um quilômetro do centro da vila. Era diversão arriscada, que exigia decisão, velocidade de corrida e espírito de aventura - ou simples audácia. Era a brincadeira que os pais mais temiam. A garotada fazia aquela loucura, que nunca soube ter causado acidentes, mas, nas vezes em que o objetivo foi alcançado, o foi com tal dificuldade que se ficava com o coração aos pulos, as pernas bambas, suando frio. Os covardes não tinham histórias para contar.



OUTROS FOLGUEDOS ORGANIZADOS EM GRUPO ERAM AS PARTIDAS DE BARRA E preso fugido, que começavam após o jantar e prosseguiam até a hora de se entrar para dormir. No preso fugido, um grupo se escondia e o outro procurava capturá-lo. Bastava prender um para que os outros fossem obrigados a se submeter. O grupo que se escondia não tinha limites para estabelecer o esconderijo. E daí decorriam novas loucuras infantis. A gente se distanciava do centro, ocultando-se bem longe, às vezes distante mais de um quilômetro, dentro das capoeiras, no alto dos morros e nos canaviais próximos da vila, onde nos reuníamos chupando cana. Não havia medo de cobras, de aranhas venenosas, de espinhos, de cacos de vidro, de nada. Recordando aquilo, fica-se admirado de tamanha temeridade. As crianças escapam de tantos e tais perigos que é impossível não pensar na proteção divina. Os meninos brincavam sempre descalços. Tinham arranhões e

cortes, as unhas dos pés deformadas pelas frequentes topadas. Mas nunca se passou nada de grave.

Certa feita, ao saltar de um muro, não consegui no meu impulso atingir o monte de areia que amorteceria o choque. Caí no chão duro. Senti dor violentíssima na perna direita e, quando tentei me levantar, a dor aumentou, vi que não podia me apoiar naquela perna. Tinha fraturado os ossos na porção média. Levado para casa e posto em cima de uma mesa, ali mesmo foi feita a redução da fratura e a perna entalada com taboinhas finas, que a imobilizavam da coxa até o pé. Tudo feito por um primo médico que ocasionalmente passava férias lá em casa. O trabalho foi tão perfeito que não me ficou nenhuma sequela, e um mês depois já andava pela casa normalmente.

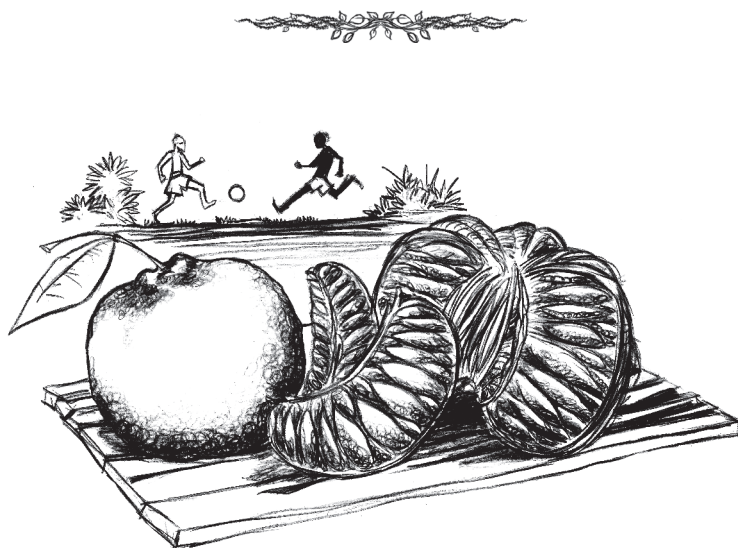


É MUITO DIFÍCIL ESCREVER ALGUMA COISA SOBRE NOSSOS PAIS. AS PALAVRAS não bastam para interpretar todos os sentimentos. Nunca se chega à satisfação naquilo que se consegue dizer. Pode-se ficar na injustiça de dizer menos do que merecem dentro de nossa vida. Por outro lado, há o risco de se procurar justificação na educação familiar para nossas deficiências, buscar ali explicações para os fracassos diante da vida.

No meu caso, que escrevo apenas para anotar recordações, as dificuldades são enormes. Alguma coisa, porém, pode ser alinhada sem maiores pretensões.

Meus pais constituíram um casal muito unido durante toda a vida, longa vida marcada pela transposição das bodas de ouro. Eles se respeitavam de tal forma, guardavam entre si tal carinho, que serviam de exemplo quo-

tidiano para nós - a filharada. Era uma filharada mesmo, pois fomos quinze filhos de um só casal. Doze se criaram - três morreram na primeira infância e não os conheci. O exemplo dado por meus pais não valia apenas para os filhos, mas também para os netos criados juntos e para alguns de nossos primos, igualmente criados lá em casa, vivendo sempre conosco.



MEU PAI ERA UM VERDADEIRO PATRIARCA. SUA PALAVRA ERA LEI PARA TODOS nós. Bastava ser invocada sua autoridade para obter-se o acatamento desejado. Ocorrendo um caso de rebeldia, o acenar com a intervenção de papai era suficiente para resolver o problema.

Ele saía muito cedo de casa. Voltava para almoçar por volta das onze horas, saía de novo. Retornava lá pelas cinco para tomar banho, jantava, e voltava para a venda, onde ficava até fechar, ao anoitecer. Homem alto, de físico bem

proporcionado, foi um rapaz bonito e moreno. Na madureza, mais parecia um estrangeiro graças à tez muito clara e rosada. Sua pele ganhara tal aparência em virtude de vitiligo generalizado, que se estendeu de maneira tão regular e uniforme que lhe deu fisionomia diferente sem alterar os traços do rosto, emoldurado por cabelos finos e castanhos, que rarearam com o passar do tempo mas nunca lhe faltaram.

De inteligência boa, bem acima do normal, tendo apenas a instrução precária oferecida no interior do país, por ser amante da leitura ganhou conhecimentos gerais pouco comuns naquelas bandas. Lia até livros em francês. Falava bem de improviso, com segurança e clareza, daí lhe vindo certa fama de orador. Tinha uma caligrafia rápida, angulosa, que se tornava difícil à leitura apesar do belo talhe. Mas, contador que era, sabia também abrir cabeçalhos de contas correntes com letra caprichada, enfeitada, digna de servir como modelo caligráfico.

Sua bondade fez tradição. Sua casa estava sempre aberta a todos, sua mesa sempre tinha lugar para mais um prato. Uma medida de sua bondade está em que, sofrendo enormes prejuízos comerciais, porque oferecia facilidades a muitos colonos a quem fiava para tirar de aperturas, criava-as para ele mesmo ao não receber os pagamentos no devido tempo. Mas não fechava a porta ao devedor. Oferecia novas possibilidades. Fiava a todos, confiava demais. Não tinha verdadeiro espírito de comerciante. Tendo chegado à nossa terra como escrivão de registro civil, passou depois a contador da maior empresa comercial do lugar, criando mais tarde sua própria firma.

Nesta, foi um originador de investimentos. Financiou a criação de uma grande zona de roças novas estabe-

lecida em vasta área de excelentes terras virgens. Os novos colonos obtinham com ele crédito para a alimentação e para os implementos agrícolas usados no desenvolvimento das plantações, comprometendo-se a pagá-los com o fruto de suas colheitas. Não se assinavam documentos formalizando tais compromissos, que eram apenas verbais. Baseados na palavra dada. Daí resultaram grandes decepções e enormes desfalques econômicos, porque, quando as roças começavam a produzir, os credores faltavam à palavra empenhada e desviavam para outras localidades o produto das colheitas, deixando de cumprir suas obrigações com aquele que lhes dera todo o apoio no empreendimento. A bondade de meu pai mais se revelava quando reincidia no erro, dando novos créditos aos faltosos depois de expropriá-los, na esperança de que se regenerassem. Nas horas de apertos e dificuldades, lá estava ele, outra vez pronto a salvá-los da situação embaraçosa.

Naquela casa comercial de tudo se vendia. “Secos e molhados” constava do letreiro de todas as vendas do interior. Mas lá até se vendiam medicamentos alopáticos e homeopáticos, estes indicados após rápida consulta a um livro grosso, bem encapado, de letra miúda, chamado Chernovitz. Dizem que meu pai curava tão bem, acertava tanto nos tratamentos, que os colonos levaram muito tempo para aceitar serem cuidados por um médico que lá se instalou mais tarde. Meu pai passou a negar-se terminantemente a atendê-los, encaminhando-os ao profissional. Só depois veio a ser aberta uma farmácia na vila.

A firmeza de caráter e a honestidade envolveram o nome de papai por toda a vida. Era homem de uma só pala-

vra. Quando, por motivo de doença, teve de deixar a localidade, cerrando as portas de sua casa comercial, fez questão de liquidar tudo o que possuía para pagar as dívidas de negócio. Nada lhe sobrou, senão aqueles créditos das contas fiadas dos seus antigos fregueses - enorme soma de capitais emprestados sem documentos que pudessem ressarcir os prejuízos.

Tudo liquidado, com seu nome absolutamente limpo, procurou fazer vida nova em outras terras, no meio de outra gente, cercado dos filhos que lhe davam auxílio na medida de suas possibilidades. Nunca parou. Recuperada a saúde, arranjou escritas comerciais, que fazia em casa, e depois veio a trabalhar em uma instituição, onde ficou enquanto lhe permitiram as condições físicas.

Coronel da Guarda Nacional, foi chefe político indiscutível e inarredável naquele município durante todo o tempo em que lá viveu. Era tal sua ascendência junto àquela gente que nada se fazia sem que fosse ouvido. Tamanho era seu desprendimento que nunca tirou qualquer proveito da condição de maioral político da região. Nunca pediu cargo público para os filhos, nunca pediu ao governo estadual nada que lhe pudesse trazer vantagens pessoais. Tudo o que defendia era no sentido de beneficiar a comunidade. Tudo era para os habitantes do lugar.

Lá por aquelas bandas, ninguém esqueceu o homem que ele foi. Se tudo se perdeu, ficou o nome aureolado de qualidades modelares.



MINHA MÃE ERA MIÚDA, DELICADA, DE MÃOS PEQUENAS E ÁGEIS; PÉS DE menina, calçava 33. Criatura de saúde precária, sofrendo

longas e violentas crises de asma, dava a impressão de pessoa muito frágil, necessitada de cuidados constantes. Seus traços de moça revelavam sempre aquela delicadeza de tipo, o rosto oval com olhos profundos, sonhadores, envolto nos cabelos muito pretos, lisos, arrumados sempre num coque. Causa espanto que aquela mulher tão leve, tão simples, tão fraquinha, pudesse ter dado vida a tantos filhos, todos relativamente fortes, atendendo-os em todos os momentos, passando noites em claro com os que ficavam doentes, dirigindo a casa, cosendo, muitas vezes cozinhando, organizando as atividades domésticas a fim de que tudo estivesse pronto a tempo e horas.

As crises de asma a prostravam por muitos dias, semanas inteiras. Os recursos eram deficientes, e eu a via frequentemente envolvida na fumaça do Pó Japonês, que queimava nos pires de louça sempre presentes em sua mesa de cabeceira. Vencida a crise, ela de pronto estava na linha de frente dos trabalhos caseiros. Além das crises de asma e das resultantes bronquites febris, só me lembro de tê-la visto na cama, quando garoto, nos resguardos de nascimento de meus irmãos. A fragilidade física de minha mãe só tem paralelo na dedicação de meu pai em protegê-la. Uma coisa sem a outra me parece inconcebível. Minha mãe morreu relativamente cedo, mas, se viveu o que viveu, acho que isso só foi possível por ter sempre estado envolta no carinho e no cuidado que papai lhe devotou. Mas, naquela fragilidade, que potencial de energia existia!

Papai raramente castigou um filho. Bastava falar, e todos obedeciam cegamente. Ele dava o pão, mas quem distribuía o castigo era de hábito mamãe. De início ela o fazia pessoalmente, quando a saúde permitia. Mais tarde,

delegou poderes para castigo a minhas irmãs mais velhas, que ajudavam a pôr ordem nas coisas. Nossa casa tinha diversos quartos com as paredes enfeitadas de quadros de santos. Lembro-me perfeitamente de que não se usavam enfeites de flores. O que havia atrás de cada moldura, atravessado de lado a lado, era um galho de goiabeira: o chicotinho usado para castigar a gurizada. Em qualquer compartimento da casa, quando necessário, bastava levantar a mão e logo a baixar, armada, para dar umas boas lambadas nas pernas daquele que necessitava de correção.

Dois cheiros sempre foram muito característicos lá para os lados do quarto de mamãe. Um deles, o cheirinho da fumaça do Pó Japonês, muito comum porque, à falta de melhores recursos, era o remédio de que ela se valia para enfrentar as crises asmáticas que a acometiam. Num pires de louça, dos pequenos, ela fazia montinhos do pó marrom e lhes tocava fogo com um fósforo. O pó queimava com pequenos estalidos, desprendendo uma fumacinha que era aspirada pela boca e pelo nariz, em haustos seguidos, até trazer o alívio desejado. Mais tarde apareceram os cigarros de estramônio, mas, como não surtiram efeito igual ao do pó, foram empregados apenas raramente.

O outro era menos comum, só se fazia presente de tempos em tempos. Era o cheiro de alfazema queimando, gerando uma fumaça que espalhava seu odor por toda a casa a partir do quarto. Anúncio de criança nova em casa. A alfazema era queimada durante todo o resguardo, até mamãe se levantar. Desses resguardos tenho também uma recordação de guloso. É que, durante esse período, a parturiente tinha sua alimentação quase toda à base de galinha

cozida, caldo de galinha, pirão feito com o caldo - hábito arraigado por toda parte. A galinha vinha tão cheirosa que dava água na boca. Acompanhava-a o caldo e o pirão de farinha de mandioca todo pintadinho de pimenta do reino. Os garotos adoravam aquela dieta. Como minha mãe comia pouquíssimo, havia sempre sobras na bandeja que levava os alimentos ao quarto - e não faltavam fregueses para aquelas sobras. Uma asa de galinha ou um pouco de pirão da tigela era o prêmio daquele que ficava na espera. Ela comia pouco, mas as vasilhas voltavam sempre limpas para a cozinha.

Meu pai era um madrugador inveterado. Levantava-se ao clarear do dia e saía para sua casa comercial após tomar um café puro, quase sempre coado por ele mesmo. Levava uma xícara de café para minha mãe tomar ainda na cama. Quantas vezes, ao acordar bem cedo, um ou outro garoto ia correndo deitar na cama do casal, no lugar de papai, enquanto mamãe ainda permanecia deitada! Muitas vezes o último sono da manhã era lá na cama grande, até se estabelecer o movimento normal da casa.

Nossos pais não tiveram bens para nos deixar como herança, pois nem precisou se fazer inventário. Mas nos legaram um código de caráter, de amor à família e de honestidade. Seu valor é inestimável. Só uma vez meus pais falharam em relação a mim. Foi quando da escolha de minha mulher, daquela que seria a mãe de meus filhos. Houve oposição franca ao meu casamento, porém tiveram tempo de reparar a injustiça cometida. Com o passar dos anos, reconheceram que eu bem acertara em minha decisão. E nunca tive razões para me arrepender de haver resistido a toda e qualquer oposição que se me tivesse apresentado.



NOMES HÁ QUE SÃO INVENTADOS, OUTROS NASCEM DE CIRCUNSTÂNCIAS ESPECIAIS, quase inconcebíveis. Dentre esses últimos conta-se o meu.

Refiro-me ao nome pelo qual sou conhecido geral e profissionalmente – Dauster –, que as pessoas julgam ser também o de meus ascendentes. Na verdade, porém, esse nome - que vingou por ser invulgar e, diga-se de passagem, bastante eufônico - terminou por eclipsar os sobrenomes de família, que nada tinham de pejorativos.

Muitas vezes me foi perguntado se era de origem estrangeira - alemã, austríaca, judaica, etc. -, embora meu biótipo não permita qualquer dúvida sobre uma progênie nascida da miscigenação das duas ou três raças predominantes na etnia brasileira.

Aos quatorze anos, quando chegou a hora de fazer minha matrícula no curso secundário, foi exigida a apresentação da certidão de nascimento. Ao recebê-la, que surpresa!

Eu, que até então era o *José de seu Domício* (meu pai) ou *José Motta*, ou apenas *José*, tomei conhecimento de que, pelo registro civil, meu nome era *José Dauster* (Motta e Silva), constituindo esses últimos os sobrenomes comuns a meus irmãos, vindo o Motta da parte de minha mãe e o Silva do lado de meu pai.

Intrigado, procurei saber como teria aparecido *aquele* que fazia ser o meu o único nome duplo dentre os de todos os irmãos. Pedi à minha mãe uma explicação, dela recebendo o seguinte relato.

Na época de meu nascimento, o padre de nossa igreja era espanhol e se chamava José Blanco. Acho que fui bati-

zado antes de ser feito o registro civil, pois foi na igreja que começou o imbróglio do meu segundo nome. Até aí não há nada de muito estranho, pois o nascituro não devia ficar pagão por muito tempo. Aliás, era tão intenso o sentimento religioso àquela época que se pedia ao parteiro que fizesse o batismo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, caso a criança, ao nascer, não demonstrasse condições de sobrevivência após o trabalho do parto.

Na ocasião de meu batismo, papai disse que meu nome seria José, nome de meu avô paterno. O padre insinuou que seria mais interessante que eu tivesse um segundo nome para melhor e mais fácil identificação, sugerindo que eu me chamasse José Blanco. Meu pai rejeitou a ideia, mantendo seu ponto de vista em favor de um único nome. Todavia, o padre insistiu e “tascou” o nome duplo de José d’Áustria (em homenagem ao então titular da coroa austro-húngara). Nunca verifiquei se nos registros de batismo da igreja está anotado tal nome.

No cartório é que foi acontecer o melhor. O oficial do registro civil era um tio meu, pessoa de instrução muito acima do comum – não por ter feito curso secundário ou superior, mas sim por autodidatismo, lendo muito e aprendendo tudo nas boas leituras (grande admirador de Rui Barbosa, absorvia e colecionava os seus discursos publicados nos jornais de então).

Por ser parente próximo, irmão de minha mãe, não fazia pessoalmente os registros dos sobrinhos, indicando sempre um escrivão *ad hoc*, que o representava na execução da inscrição. Este, que não tinha luzes comparáveis, ao ouvir o nome que lhe foi ditado transmudou o insólito d’Áustria em Dauster - o nome que por sorte me coube em virtude de um mal-entendido.

Transformei-o em nome familiar. Registrei todos os meus filhos com este segundo nome, e meus netos o estão recebendo também. Repousa em paz, padre José Blanco...



SINHÁ ALVÊNCIA - OU SINH'ALVÊNCIA, COMO DE TODOS CONHECIDA – NADA tinha de alva. Nem tampouco de preta ou mulata. Era uma genuína cabocla que, quando me lembro dela, já estava bem entrada em anos, com a pele muito encarquilhada e os cabelos encanecidos, sempre amarrados num lenço que os cobria quase totalmente, deixando de fora apenas as pontas. Mas era espigada, ativa, cumprindo bem suas obrigações e respeitada por todos da casa.

Morava na roça, lá para os lados do Morro do Aricanga, de onde era chamada, de tempos em tempos, para exercer suas habilidades. Era a parteira que viu nascer a mim e a quase todos os meus irmãos. Se eliminarmos da lista os três ou quatro mais velhos, penso que os demais foram aparados e cuidados por suas mãos.

Quando, na proximidade dos partos, a coisa se tornava iminente, a gurizada era afastada da casa sob algum pretexto e, sem ruídos estranhos, sem correrias nem tropeços, chegava a hora em que toda a casa recendia a alfazema queimada. Era o sinal de novo irmão, de mais um membro da prole.

Sinh'Alvência era figura de destaque nesses tempos, pois seu trabalho não se restringia ao atendimento durante o parto, estendendo-se por todo o período do resguardo - que, naquela época, correspondia em geral a uma quarentena. Com seus pés encardidos, enfiados em chinelos leves

de tão gastos, passava ela num *lec-lec* suave pelo assoalho de longas tábuas de madeira que constituía o piso da sala, dos quartos e do longo corredor que ligava os cômodos da frente à sala de refeições. A cada lado desse corredor ficavam os quartos ocupados pelos filhos menores, agrupados segundo o sexo. Na parte da frente ficavam a sala grande de visitas, o vestíbulo de entrada e o quarto de nossos pais.

Na sua especialidade, ela atendia a toda a parentela, que era numerosa na localidade. Todos os meus sobrinhos que lá nasceram e foram criados junto de nós também passaram por suas mãos.

Meus pais a chamavam, na intimidade, de Comadre Alvência. Muitos de meus irmãos a chamavam de Madrinha Alvência. A razão é que, naqueles velhos tempos, além dos padrinhos de batismo e de crisma, o bebê tinha ainda a “madrinha carregadeira”, aquela que o conduzia no colo até a pia batismal, onde então entravam em cena os escolhidos como reais *padrinhos*, muito importantes na medida em que deveriam servir como *segundos pais*. Seja como for, a “madrinha carregadeira” ficava merecendo respeito para sempre, de tal forma que se criava o hábito de lhe pedir a bênção, como se fazia aos pais e padrinhos por toda a vida.

Encerrado o período em que sua presença entre nós o exigia, Sinh'Alvência voltava para sua casa distante, onde morava com um filho que, vez por outra, aparecia na casa comercial de papai para ali receber mantimentos complementares àqueles que não conseguiam obter do cultivo das terras onde viviam.



COMO HAVIA SEMPRE DENTRO DE CASA UNS QUATRO GAROTOS ENTRE SETE E doze anos, o controle das atividades infantis, a manutenção da disciplina, o cuidado para afastá-los dos perigos a que se expunham representavam um trabalho insano para mamãe. Papai era respeitado na base do tabu da autoridade, bastando apelar para seu nome a fim de obter alguma contenção nos abusos. Os castigos não eram devidos apenas pelas artes praticadas, mas também se justificavam como corretivos de desrespeitos ou más-criações. Tinham fim educativo. Eram necessários para manter a disciplina de um grupo numeroso de crianças sujeitas às influências de toda a meninada do lugar, com suas disparidades de ambiente e de educação.

Além do recurso ao chicote de galho de goiabeira, do puxão de orelhas e de alguns cascudos, mamãe apelava para outros tipos de castigo de forma a manter a turma sob suas vistas. Um desses consistia em tirar as calças de todos os que estavam sujeitos a repreensão, guardá-las em malas fechadas à chave e deixar os meninos em casa vestidos com um camisolão que vinha até abaixo dos joelhos. Metidos nessas vestes, os garotos relutavam em sair à rua e se expor ao ridículo diante dos outros. E ainda ficavam obrigados a realizar tarefas que todos consideravam impróprias e, por isso, desagradáveis. Eram obrigados a ficar fazendo bordados com linhas coloridas, pontos simples e de cruz, nas toalhas de pano de saco de farinha de trigo que se utilizava na cozinha. Mas a gurizada era de amargar. E, ao primeiro descuido, apanhava as chaves e escapulia. Ou, então, dobrando a camisola no meio das pernas, fugia para a rua sem se importar com a caçoadinha dos outros meninos. Um recurso habitual era ter escondida alguma calça, de modo a usá-la no mo-

mento em que se aplicasse esse tipo de castigo. Jogava-se para um canto a tarefa e caía-se na rua.



ATINGIDA A IDADE EM QUE JÁ SE SOUBESSE MARCAR NÚMEROS, PODÍAMOS ENTRAR no jogo de víspora, hoje mais conhecido como bingo.

Cada participante recebia certo número de cartões, três ou seis, pagando uma taxa proporcional para o bolo que constituía o prêmio de cada partida. Quem jogava com seis cartões concorria com todos os números, de 1 a 90. Era o único jogo que podia reunir a família inteira. Qualquer participante podia ser encarregado de sortear os números, tirando as pedras de um saco de pano, cantando-as para os marcadores e colocando-as nos seus próprios cartões para posterior conferência. Os demais marcavam seus números com caroços de milho ou feijão. O primeiro a encher um dos cartões recebia o prêmio, começando-se nova partida.

Uma curiosidade deste jogo era que havia “cantadores” de víspora que, para certos números, usavam nomes particulares, a que nem todos os participantes estavam habituados. Alguns exemplos: o 12 era “a dúzia”; o 22, “dois patinhos na lagoa”; o 29, “honra e glória” (por conta de uma efeméride histórica de nosso estado); o 44, “quará-quá-quá”; o 45, “meio do saco”; o 66, “mamas da velha”; o 69, “pra cima e pra baixo”; o 90, “pai do saco”.

Meu pai gostava de um joguinho, e vez por outra entrava na víspora, disputada na mesa comprida em que também fazíamos nossas refeições. Mas tinha seus jogos particulares. Fazia parte de uma roda de pôquer, não muito regular quanto à frequência, que em certos períodos se

reunia uma vez por semana, das sete às dez e meia da noite. O local era a sala de refeições do hotel da localidade, tendo como participantes quase sempre os mesmos parceiros e um ou outro forasteiro, principalmente caixeiros-viajantes bem conhecidos do grupo.

Mais tarde, quando veio morar no Rio, papai descobriu o jogo do bicho, que não existia em nossa terra. Fazia suas fezinhas de quando em vez, tendo dado algumas “tacadas” em dias de inspiração.

Gostando de tentar a sorte, costumava participar dos sorteios de mercadorias que eram organizados por empresas do Rio de Janeiro, as quais captavam concorrentes em todo o interior do Brasil por meio de seus caixeiros-viajantes. O concorrente recebia um número no ato da inscrição e pagava mensalidades, participando dos sorteios mensais. Caso saísse premiado, recebia a mercadoria independentemente do número de pagamentos que até então houvesse efetuado.

Num desses sorteios, o prêmio era um relógio Patek-Philippe de 22, considerado à época o melhor do mundo. Feitos de ouro, esses relógios eram tão grandes e pesados que necessitavam de uma corrente forte e grossa para prendê-los. Eram habitualmente usados num dos bolsos do colete, ficando a corrente, atravessada sobre a barriga, presa no bolso do lado oposto. Pois papai ganhou *três* desses relógios, com número tão pequeno de prestações que o total correspondeu a menos do que deveria pagar por um só deles. Lembro o destino que tiveram aquelas verdadeiras joias que ninguém mais usa, guardando-as como peça de colecionador. Um deles papai deu a meu padrinho de batismo, um velho italiano chamado José Rebuzzi, seu

grande amigo de todas as horas. Outro foi presenteado ao irmão de mamãe, seu cunhado mais velho e substituto no cargo de tabelião de registro civil, homem merecedor de todo o respeito. O terceiro papai reservou para seu próprio uso, tendo-o guardado por toda a vida.

Depois que papai morreu, o relógio, por consenso familiar, deveria ficar na posse de um de seus filhos homens. Éramos sete os candidatos, e decidimos - fazendo justiça à origem do bem - que um sorteio definiria aquele que seria seu possuidor. Tirada a sorte, deu "coluna do meio". Coube àquele que era o número quatro da lista de sete. Nem para os mais velhos nem para os mais moços. Quem quer que o tivesse ganho não deixaria de reconhecer o valor intrínseco da peça - mas muito menos seu valor de estimação. Não havendo herança a ser dividida, a entrega do relógio-reliquia foi como um gesto simples de seis mãos irmãs a uma outra do mesmo sangue.



A GAROTADA ERA LEVADA, DESASSOSSEGADA, INFERNAL MESMO. BRIGAVAM COM outros guris e entre si. E, quando se impunha sair mesmo de camisolão, não davam muita bola à troça dos outros. Houvesse zombaria, lá vinha briga brava, porque a turma da casa topava todas as paradas. As brigas eram violentas, no muque, raramente se apelando para pedradas, mas acabavam sempre numa paz completa. As inimizades entre os meninos não criavam raízes. Os motivos não tinham real importância, como é natural entre crianças.

Nasciam os choques da disputa durante os jogos ou por brincadeiras mal recebidas. O tapa e o rolo eram

o resultado das desavenças-relâmpago, seguidas logo de xingamento à mãe. Chamar um deles de filho da puta era a pior coisa que se lhe podia fazer. Quando não vinha de pronto o nome feio, cada qual se punha diante do outro, dando início ao ritual das provocações. Fazia-se um risco no chão entre os dois adversários e cada um era instigado a dar cusparadas no campo inimigo, a avançar além da linha limítrofe - e em breve se chegava aos atos preliminares de agressão, por fim à briga solta, estimulada pelos outros que a acompanhavam como torcedores de um ou outro combatente. Só paravam quando separados por gente grande que passasse por perto, ou quando o derrotado começava a chorar, sem esboçar defesa.

Os garotos brigavam longe de suas casas porque, quando a coisa chegava ao conhecimento dos pais, vencedores e vencidos, de volta ao lar, apanhavam ambos uma boa coça. Mas garotos não guardam rancor. No outro dia estava tudo acabado, tudo esquecido. Embolavam-se nas brincadeiras que eram as distrações usuais, não sobrava traço de ressentimento.



SEMPRE FUI CONSIDERADO MUITO TEIMOSO, E TAMBÉM FUI GAROTO MANHOSO como o diabo. Chorava à toa e, quando teimava no choro, a manha se estendia por uma hora seguida. Às vezes ficava num canto chorando. Parava por instantes e, quando alguém passava e observava que o choro tinha acabado, eu emendava ainda a chorar, chateando os próximos com aquela consistência típica do especialista.

Os banhos de rio eram menos para lavar do que para brincar mesmo. Para valer eram os banhos de banheira, dentro de casa. As banheiras eram grandes bacias de folha-de-flandres, redondas, em que, sentados, os garotos eram banhados com pequenas cuias, ensaboados e escovados, O inferno era lavar a cabeça com sabão. Dava barulho e choro, porque o sabão, escorrendo, caía nos olhos e ardia pra cachorro. Quando isso acontecia, provocava violentas reações, motivo pelo qual muitas vezes nós só entrávamos na bacia com a promessa de não ter a cabeça lavada com sabão. Certa feita aconteceu que, não sendo cumprida a promessa, quando começaram a passar sabão em minha cabeça pulei fora da bacia, nu em pelo, e fugi para me esconder no mato. Lá passei o resto da tarde, em meio à capoeira de guaxuma, não atendendo a nenhum apelo para voltar à casa. O problema só foi superado ao cair da noite, quando atendi ao chamado de meu cunhado, pessoa merecedora de minha confiança, que me garantiu que eu não sofreria nenhum castigo.



LÁ NÃO HAVIA FOTÓGRAFO PROFISSIONAL - E, SE HOUVESSE, MORRERIA DE fome. Nem havia naquele tempo fotógrafo amador, ninguém possuía máquina fotográfica, coisa hoje tão comum, tão banal em toda parte. Não temos, por isso, retratos do tempo de criança - os álbuns infantis só vieram a aparecer e se tornar costume muito mais tarde. Fotógrafo lá era acontecimento. Só aparecia raramente, de passagem, na época das maiores festas locais, principalmente na do padroeiro - São Marcos -, que foi sempre a mais importante da localidade. Maior do

que ela só me lembro da que foi feita na visita do bispo, e outra quando lá compareceu um presidente do estado.

Mas me recordo de um retrato que tiramos em conjunto todos os irmãos - verdadeira escadinha de cinco ou seis. Esta fotografia nos apanhou a todos em momento tão impróprio que nos fez parecer um grupo de meninos de mau aspecto, mal-ajambrados e bastante feios, mais feios do que éramos de fato. É que estávamos todos de cabeça raspada, pelados - cabelos cortados à escovinha, ou melhor, a zero. Não era assim que o usávamos normalmente. As crianças usavam o cabelo aparado, com topetes para ajeitar no penteado. Naquele tempo não havia a moda dos cabeludos, como hoje. A razão por que estávamos de cabeça pelada é que um de nós, acometido de umas perebas que resistiam aos tratamentos comuns, precisou ter os cabelos cortados rentes para possibilitar melhor aplicação dos curativos. Quando isso aconteceu, os outros começaram a chateá-lo a todo momento, chamando-o de “urubu pelado”. O infeliz perdeu o sossego, chorava a cada vez que repetiam o apelido. Não demorou o castigo, que veio alcançar a todos, pondo-os em condição semelhante de uma só cajadada. Chamado o barbeiro, a tarefa foi executada numa única tarde. Deitou abaixo a cabeleira de toda a gurizada, criando um bando de “urubus pelados” e resolvendo, por equidade de aspecto, o atrito que vinha prejudicando a harmonia da turma. O fotógrafo profissional, tão invulgar, passava por lá naquela ocasião e deixou fixado numa chapa aquele grupo, que mais parecia composto de condenados do que de meninos criados com certo cuidado e com o melhor carinho possível.



DEVE TER HAVIDO UMA BANDA DE MÚSICA LÁ NA MINHA TERRA, UMA EUTERPE-qualquer-coisa ou outro nome do gênero. Isso antes de meu nascimento ou talvez quando eu era tão pequeno que nada me ficou na lembrança. Assim creio por causa dos remanescentes que existiam, pois algumas pessoas tocavam instrumentos de sopro. Mas o que tornava a coisa mais evidente era uma construção que se erguia ao lado de nossa casa, deslocada para os fundos de um terreno que ia até a rua, e que tinha o nome de Casa da Música. Quadrada, tinha uma porta larga, uma janela na frente e janelas laterais, sendo inteiriça a parede do fundo. Era de tijolos, toda caiada de branco, com as janelas pintadas de azul forte. A cobertura era de zinco.

Entretanto, apesar de conhecida como Casa da Música, sua utilização era bem mais prosaica. Servia como depósito de cangalhas, mantas, barrigueiras, freios, arreios e demais apetrechos da tropa de burros que papai possuía. Servia também de moradia dos tropeiros e era local onde gostávamos muito de brincar. No terreno que se estendia à sua frente – cercado de muro, de paredes e de cerca de pau a pique –, ficavam soltos os cavalos e os burros quando livres das selas e cangalhas. Após terem voltado de viagem e uma vez descarregado o que traziam, ficavam ali retidos até a hora de serem levados aos pastos.

Mas acabamos tendo uma banda – ainda que nunca se tivesse instalado na velha Casa da Música. Criada por um professor, tinha a escola como local dos exercícios individuais e em conjunto, à noite, após o horário das aulas. Seus componentes eram quase todos garotos. Havia alguns

adultos também, mas as crianças estavam em maioria. Foi uma coisa a que demos grande importância e que muito nos valorizou. Tínhamos verdadeiro orgulho de fazer parte da banda. Tocávamos nas festas da igreja e nas missas cantadas, acompanhávamos as procissões, e nos tornamos indispensáveis nas festividades escolares e nos bailes do lugar. À medida que a fama da bandinha se espalhava, passamos a ser contratados para tocar nas festas de muitas localidades da vizinhança.

A banda de música nasceu com a chegada do professor primário para lá nomeado quando se vagou o cargo por aposentadoria do antigo mestre. O novo professor era homem moço. Vinha diretamente da capital do estado. Mulato claro, muito magro, de lábios grossos, vestia-se bem para nosso ambiente. Andava na moda, paletó justo e cintado, as calças com largas bocas de sino. Além de professor era alfaiate. Costurava suas próprias roupas e passou a ter fregueses para quem fazia ternos sob medida. E, ademais de professor e alfaiate, era músico.

Era bom professor na escola, trazendo uma visão mais larga de homem nascido e criado no meio adiantado da capital. Logo depois de ter se acomodado, ganhando bom conceito na localidade, obteve o apoio do prefeito para a organização da banda de música. Comprometeu-se a formar seus integrantes desde que a municipalidade comprasse o instrumental. Começou a ensinar um pouco de teoria aos rapazinhos e também a alguns homens que mostraram interesse, enquanto esperava os instrumentos encomendados. Quando esses chegaram, foram distribuídos entre o pessoal, cabendo os mais pesados aos adultos. Partimos todos para o aprendizado de execução.

O professor tocava todos os instrumentos, o que facilitou de muito o ensino. Sentava-se ao lado de cada um e explicava passo por passo, cantarolava as partituras, fazia repetir. Muito em breve, cada músico ia engrenando, criava embocadura e agilidade ao dedilhar seu instrumento, acabava dando conta do recado. Poucos chegaram a aprender música de verdade. A entrega dos instrumentos antes que se tivesse adquirido bom conhecimento teórico, tanto quanto o desejo de obter algum resultado em prazo curto, fez com que a maioria dos instrumentistas tocasse logo de ouvido. Mas a turma tinha bom ouvido mesmo, porque de outro modo teria sido impossível chegar aonde chegamos. É pena que isso tenha acontecido, que se haja iniciado daquela forma errada, pois tudo ficou perdido naquele passado tão alegre, tão rico em sensações, que tanto enchia de importância os garotos, tornando-os vaidosos mas muito cômicos de suas responsabilidades. Que eu saiba, dali só saiu um músico de verdade, que até profissional se fez - embora também alfaiate, como o professor. Os demais só foram músicos enquanto componentes da banda, muitos nunca mais pegaram num instrumento.

Excursões da banda, sob contrato, foram feitas a várias localidades próximas de Pau Gigante, em geral por ocasião das festas dos padroeiros locais. Partíamos na véspera da festa, às vezes de trem, outras a cavalo, quando o vilarejo não era servido pela estrada de ferro. Passávamos lá o dia do festejo, tocando nas procissões, durante os leilões em benefício da igreja e quase sempre também à noite, nos bailes organizados para aproveitar a presença de músicos. Nos bailes iam apenas alguns de seus integrantes, formando um conjunto instrumental. Em alguns lugares reservavam para nós uma casa inteira e então, à noite, a algazarra era tremenda, o pessoal fazendo brincadeiras

até quase o amanhecer malgrado os esforços do professor - que era sempre o responsável por tudo e por todos, principalmente pelos garotos-músicos, seus alunos na escola.

A banda não tinha uniforme. Nem ao menos se exigia que todos se vestissem com roupa da mesma cor. À paisana, as roupas revelavam a maior diversidade de feitiço, tecido e cor. Os garotos usavam calças curtas, à altura dos joelhos, tendo como melhor indumentária - a “roupa da festa” - geralmente ternos brancos ou de cor clara, de brim. Não havia, pois, aquela uniformidade de uma banda organizada, era antes um ajuntamento de músicos de variada idade e aparência, adultos e crianças, brancos, mulatos e pretos, a mais absoluta heterogeneidade.

O mais jovem – que tocava o menor instrumento, o flautim – tinha uns onze anos; o mais velho, naturalmente encarregado do contrabaixo, devia beirar os quarenta. As profissões eram as mais diversas: do professor aos estudantes, todos de nível primário, passando por funcionários municipais, carpinteiros, sapateiros e até alguns tropeiros. A disciplina entre os meninos era mais fácil devido à ascendência do professor, mas, por sua posição e conceito, se estendia aos que tinham profissões humildes e se sentiam elevados pela condição de músicos da banda. Fazer parte dela foi para nós garotos uma das coisas mais importantes que podia ter acontecido numa segunda infância de horizontes tão limitados, em localidade de recursos tão reduzidos.





ANTES DE EXISTIR A BANDA, OS BAILES ERAM NA BASE DA HARMÔNICA OU DA concertina. Alguns indivíduos na região tocavam esses instrumentos, um deles radicado mesmo no lugar. Era padeiro de profissão, mas, tocando harmônica razoavelmente, com frequência o chamavam para animar os arrasta-pés. Difícil era obter seu consentimento, sendo ele muito preguiçoso por natureza, só cedendo após grande insistência. Bebia um bocado, e era à custa de copos seguidos de cerveja, entremeados com cálices de pinga, que tomava do instrumento para tocar até o sol raiar. No outro dia o pão saía mais tarde e às vezes menos no ponto, mas ninguém se importava muito, levando em conta a outra atividade, igualmente relevante, do padeiro.

Mas ele era muito safado, conhecido dos rapazes como emérito ladrão de galinhas. Estando sempre acordado

de madrugada por força da profissão, não faltavam penosas em sua mesa, embora não se desse ao trabalho de criá-las nem incorresse no prejuízo de comprá-las. Qualquer galinha que passasse por perto da lojinha era atraída com farelos de pão, e adeus...

Certa feita, porém, foi pego em inesquecível flagrante. Saíra para apanhar laranjas nas colônias próximas da vila e, voltando à tardinha, parou junto ao campo de futebol a fim de assistir a uma partida que estava em curso. Descansou o saco a seu lado e distraiu-se com o jogo. Uns garotos, aproveitando-se de seu descuido, tentaram roubar algumas laranjas. Foi grande a surpresa: ao meterem a mão no saco, por cima das laranjas o que encontraram foram duas galinhas mortas, os pescoços torcidos, que o nosso tocador de harmônica pegara lá pelas colônias. O malandro estava servido de almoço e jantar, com direito a lauta sobremesa...



SANTA CRUZ, OUTRA CIDADE MUITO IMPORTANTE DO MEU PASSADO, FICAVA À beira-mar, com bela baía formada pela foz de um rio e esplêndida barra, que permitia a entrada de vapores nacionais de cabotagem. Cidade pobre, de aspecto decadente, sem indústrias, vivia do pequeno comércio e de uma anêmica produção agropecuária. Era a terra natal de meus pais e lá moravam minha avó, minha bisavó - que viveu até os 105 anos - e vários tios por parte de minha mãe. Da parte de meu pai, já lá não residia ninguém naquela época: os que restavam, alguns irmãos e sobrinhos de papai, eram interioranos, vivendo em pequenas fazendas afastadas da cidadezinha.

Apesar da pobreza, Santa Cruz era cidade bonita, suave, de casario em geral baixo, coberto com telhas coloniais, as janelas envidraçadas por fora com venezianas por dentro. As ruas planas corriam paralelas à praia de areia branca e grossa. Não tinham calçamento, mas, devido à proximidade do mar, eram cobertas de uma terra saibrosa forrada de capim, dando-lhes aspecto curioso. Naqueles tapetes de capim raso, ficavam nitidamente marcados os caminhos mais batidos pelo povo.

As casas da rua principal em quase toda a sua extensão davam fundos para o mar, chegando os terrenos até o limite da praia. Nas marés altas, muitos quintais ficavam cobertos até as escadas das cozinhas. Não havia água encanada nem esgoto. A água potável era apanhada em uma fonte localizada numa das ruas mais afastadas do mar, sendo trazida em barris que eram rolados pelas ruas, tracionados por cabos de arame bem grossos. A iluminação se fazia com lampiões de querosene tanto nas ruas quanto nas casas.

Enquanto viva minha avó, vez por outra, quando acontecia de tudo correr bem, mamãe partia para passar algum tempo por lá. Formava-se verdadeira caravana, porque ia quase toda a família, ficando em casa apenas papai e uma empregada para preparar-lhe a comida e atendê-lo, arrumando tudo. Alugava-se casa em Santa Cruz e para lá se levavam trens de cozinha, malas de roupa e até mantimentos. Tal mudança necessitava ser bem organizada, com bastante antecedência, pois não era brincadeira carregar tudo o que era preciso e mais umas dez ou doze pessoas.

A viagem tomava aproximadamente oito horas, dividindo-se em duas partes. A primeira era feita a cavalo, até a localidade de Córrego Fundo. Dali a tropa voltava,

enquanto nós continuávamos em canoas a remo, descendo o rio até Santa Cruz. A viagem toda constituía imensa aventura. O percurso feito a cavalo comportava paradas sob as árvores frondosas onde havia nascentes de água límpida e fresca. Parávamos para atender às necessidades urgentes da garotada e para comer a matalotagem que constituía o almoço - feijão, carne assada, galinha assada, farofas e pão com sobremesa. A segunda parte era feita nas grandes canoas, onde não faltavam coberturas de palha para proteger do causticante sol da tarde os que assim o desejassem. Os garotos preferiam ir sem abrigo, chapinhando as mãos na água e contando as curvas formosas do rio. A água, à medida que nos aproximávamos do mar, ia ficando mais e mais salgada.

Ao passar junto aos mangues, avistávamos os caranguejos andando na lama. À distância víamos peixes pulando n'água. Lá em Santa cruz fomos conhecer as delícias dos banhos de mar, das pescarias de siri, de caranguejos e peixes grandes. Lá fomos conhecer também as frutas próprias das regiões praianas.

O povo do lugar era muito manso, descansado. O ritmo da vida era lento. Não havia pressa para nada, era mesmo lugar de repouso. A baía, sendo um braço de mar, foz de rio alargada, possuía uma entrada de barra variável em virtude dos movimentos das areias, de sorte que os vapores só entravam com o auxílio de práticos que iam buscá-los lá fora da barra, trazendo-os para o embarcadouro. Só os menores, de calado menos profundo, podiam atracar no cais. Os maiores ficavam ao largo e eram alcançados por botes e barcas para o desembarque de passageiros e de carga. Em certos pontos, as casas comerciais davam fundos para o mar

e dispunham de cais para a descarga das mercadorias. Desse cais, quando a maré estava cheia, a garotada se atirava para os mergulhos.

As praias internas eram esplêndidas para as senhoras e crianças porque não havia ondas fortes. As praias perigosas eram as externas, verdadeiramente oceânicas, onde o mar era bravio, as ondas altas e violentas. Diante da cidade, as águas mansas só ofereciam algum perigo por causa da correnteza no meio do canal. Mas os rapazes, bons nadadores, atravessavam a baía a nado de um lado a outro, numa distância que variava de um a um e meio quilômetro. Os guris se arriscavam a chegar apenas até os barcos ancorados ao largo, a distâncias bem menores, compatíveis com sua capacidade natatória.

Eram os tempos dos banhos de mar, da espera pelos pescadores que voltavam do alto mar em suas canoas, da escolha dos peixes frescos que pouco depois iam aparecer, deliciosos, na mesa - tudo aquilo que não tínhamos na localidade interiorana em que vivíamos. Pescávamos também pequenos peixes, caranguejos e siris em todas as praias. A de siris era das mais gostosas diversões. Material de pesca rudimentar: um puçá, uma lata de querosene vazia e um pedaço longo de barbante forte. A melhor isca eram tripas de galinha que, amarradas à ponta do barbante, eram atiradas o mais longe possível. Logo que se percebiam puxões no barbante, começava-se a recolhê-lo vagarosamente. Quando a parte com a isca chegava à beira da praia, passava-se o puçá por baixo e recolhia-se a presa à lata, que servia como depósito do que ia sendo pescado. Os caranguejos e guaiamus (que chamávamos de goiamuns) não são pescados com esta técnica: têm de ser

apanhados com puçás ou redes, ou agarrados nos buracos de lama onde habitam.



NAS ÚLTIMAS FÉRIAS QUE ALI GOZAMOS EU ANDAVA PELOS MEUS DOZE ANOS E meio, um frangote. Alguns acontecimentos da temporada ficaram gravados não apenas na memória, mas também no corpo, graças a cicatrizes indeléveis.

Fiz então conhecimento com um pescador da idade do meu pai e que fora companheiro de pescarias dele na mocidade. Convidou-me para almoçar na sua casa uma pescada fresca que ele apanhara. Acompanhava a caldeirada apenas o pirão de farinha de mandioca, feito com o caldo do próprio peixe e temperado com molho de pimenta-malagueta. Tudo muito simples, mas tão saboroso que a gente se pergunta se jamais voltou a provar algo igual...

Entre as famílias de nossas relações que lá moravam, uma havia que era mais ligada porque um dos filhos se casara com uma de minhas irmãs. A mais moça das filhas dessa família tinha idade bem próxima da minha. Garota levada, dessas que não gostam de brincar com bonecas e coisas de meninas, preferindo diversões mais próprias dos garotos. Correr, pular, esconde-esconde... para isso estava sempre disposta. E também para pescar.

Na sua casa, que possuía grande quintal, criavam-se galinhas, fornecendo bom suprimento para as iscas de siris. Eu era muito querido daquela gente e, assim, a garota se tornou companheira constante nas minhas brincadeiras e pescarias.

Certo dia, de apetrechos em punho, saímos os dois para apanhar siris. Chegados à praia, lançamos a isca e ficamos combinados de nos ajudarmos em todos os momentos, dividindo irmãmente o resultado do trabalho. De início, pegamos dois siris pequenos. Animados, continuamos a tarefa. Logo depois algo mais pesado puxou o barbante. Com todo o cuidado começamos a puxar o beliscador para a parte rasa da praia. Eu no barbante, ela com o puçá. Quando chegou o momento decisivo, ela passou a rede por baixo e levantou o bicho, esperneando, emaranhado nos cordões. Era um enorme siri-patola, dos maiores que jamais tínhamos visto. Atentando para não sermos apanhados pelas imensas puãs, conseguimos metê-lo dentro da lata, onde ele ficou se debatendo. Contentíssimo com o feito, voltei a atirar a isca na esperança de apanhar seu companheiro.

Concentrei-me nos movimentos do barbante, deixando de prestar atenção no que ela estava fazendo. De repente, ouvi barulhos estranhos na lata. Quando olhei, ela já tinha agarrado o siri e partia em disparada com a presa. Larguei tudo na praia e corri atrás dela. Quando ela passou por baixo do cais, segui-a por ali também, sem perceber uma ripa saliente que cruzava o caminho. Dei uma pancada com a testa de tal modo violenta que caí tonto no chão, o rosto banhado em sangue. Comecei a gritar de dor e ela, vendo-me caído, veio correndo em meu socorro. Levou-me para sua casa, onde fizeram o curativo e limparam, com todo carinho, o sangue da minha cara e da roupa.

Do siri, nem sei o que aconteceu, mas da trombada me ficou uma cicatriz na testa e uma depressão resultante da fratura da tábua externa do frontal.



A CIDADE VIVEU SEMPRE NA ESPERANÇA DE SER PORTO DE MAR IMPORTANTE, pois durante anos e mais anos foi apontada como o melhor local para a instalação do terminal de minérios do estado. Dizia-se que era iminente sua escolha, determinada por estudos que cobriam todos os aspectos. Seria a redenção da pobre cidade. Parece que realmente oferecia condições ideais para o projeto. Mas razões políticas pesaram sempre na solução de problemas de tão grande importância, envolvendo interesses de enorme vulto. O cais de minério foi construído na capital do estado - e Santa Cruz continuou sonhando...



OS CIRCOS SÓ APARECIAM EM MINHA TERRA DE ANO EM ANO, HABITUALMENTE na época da festa do padroeiro, que atraía os colonos e moradores das proximidades. Chegava uma semana antes do dia da festa e lá permanecia por mais uma semana, nunca se demorando mais de quinze dias. Era novidade que alvo-roçava a gurizada. À saída dos palhaços para anunciar os espetáculos, os meninos eram convidados a acompanhá-los pelas ruas, respondendo em coro aos gritos de propaganda. Os velhos refrãos eram sempre repetidos: “Hoje tem espetáculo? Tem, sim senhor! Vai haver marmelada? Vai, sim senhor! E o palhaço o que é? É ladrão de mulher!”

Os meninos que acompanhavam os palhaços pelas ruas durante todo o percurso recebiam uma marca vermelha na testa. Esta marca valia uma entrada para o espetáculo. Era a identificação que permitia assistir à função, coisa importante quando os dinheiros eram tão curtos. Tínhamos a

possibilidade de sermos levados umas duas ou três vezes durante a curta temporada. Mas nosso maior desejo era ir a todas as sessões, não nos cansávamos de ver as mesmas coisas repetidas vezes. Daí a vontade de acompanhar os palhaços para poder entrar de graça. Mas papai era severo e não admitia ver os filhos metidos naquela molecagem, com artistas que, pela própria vida errante e pela fama de boêmios de que gozavam no interior, não eram gente que merecesse a menor confiança. E mesmo assim, escondidos, ludibriando a vigilância, nós acompanhávamos a caravana no meio da garotada, ocultando-nos quando passávamos perto de casa. Mas o pior era manter a marca vermelha na testa, que valia como ingresso. Usavam-se todos os recursos para não chamar a atenção, cobrindo-a com os cabelos ou apelando para outras manobras de modo a conservá-la visível até a hora do espetáculo. Mais tarde, quando fazíamos parte da banda de música, as coisas mudaram muito. Éramos contratados para tocar durante as funções e nos tornamos figuras indispensáveis no acompanhamento dos números exibidos, cada qual exigindo seu ritmo apropriado. O mundo maravilhoso do circo, ainda que tão raro, deixou-nos grandes e gratas recordações.



O CINEMA SÓ VEIO MAIS TARDE. CERTA VEZ APARECEU, COMO O CIRCO, COM caráter itinerante. Armaram um pavilhão de pano grosso e, instalados projetor e tela, passaram algumas fitas, inclusive *A Vida de Cristo*, com imenso sucesso. A princípio o cinema funcionou com motor a gasolina ou querosene. Tudo improvisado, a tela e o salão. Não havia cadeiras. Cada família as levava de acordo com suas necessidades. O filme era

silencioso e o projetor iluminado por meio de um arco voltaico, que exige seguidos ajustes de carvões a fim de manter constante o feixe de luz. Mas eram usuais as interrupções. Às vezes o motor engasgava por entupimento, pois a gasolina pouco refinada causava acúmulo de sujeira nas tubulações. Quando não era o motor, a coisa parava para troca dos rolos ou até dos carvões, que se gastavam de forma desigual. Os primeiros filmes que lá vimos foram os de Max Linder, o Pampolim, algumas fitas em série.

Bem mais tarde chegaram a funcionar dois cinemas no lugar. Um absurdo para aquela localidade que mal podia sustentar um único. Mas os dois cinemas só surgiram quando se inaugurou a luz elétrica, enorme melhoramento local. Durante certo tempo empenharam-se numa guerrinha, mas não durou muito. O mais novo acabou ficando sozinho; conseguindo organizar uma programação mais regular e de melhor qualidade, levou o outro a fechar suas portas.

Não havia músicos tocando nos cinemas. O acompanhamento era feito com o uso de um gramofone. Antes da sessão, o filme era passado para se verificar se estava em boas condições, pois as cópias, muito usadas e velhas, se partiam com frequência. Durante essa verificação, o encarregado do gramofone seguia o desenvolvimento das ações e escolhia trechos musicais que bem ou mal correspondessem àquilo que era exposto na tela. Iniciada a projeção, trocava rapidamente os discos antes ordenados para acompanhar o enredo. Seu trabalho não era invejável: além de lidar com os discos, o encarregado era obrigado a trocar agulhas e ainda dar duro na manivela do gramofone, que começava a desafinar tão logo a corda chegava ao fim. As músicas preferidas eram trechos de óperas, operetas e valsas, que do-

minavam inteiramente o repertório. As músicas nacionais quase nunca eram tocadas. Com o cinema acabaram-se as possibilidades de entradas gratuitas. A garotada tinha de se virar para arranjar o dinheiro do ingresso. Já então as fitas de mocinho, principalmente os seriados, constituíam a paixão da gurizada.



ONZE ANOS FRANZINOS. A PUBERDADE, AVIZINHANDO-SE, AINDA NÃO DESPONTARA. Sexo conhecido através das muitas safadezas e conversas dos garotos, sempre alertas e sensíveis a esses aprendizados. Mas já sentia coisas estranhas, sem explicação satisfatória, sensações prenunciadas. Na cama de garoto, com espaço de sobra, um corpo frequentemente se deitava a seu lado no começo da noite: era uma cria da casa, já púbere, que ali tirava um cochilo antes do recolhimento definitivo. Vinha aquele calor, aquele abrasamento de pele com pele. A princípio o toque temeroso, passando depois ao acostamento desinibido, com movimentação das vestes capaz de permitir maior extensão de contato. Não havendo rejeição, progresso se fazia sob o pretexto pouco convincente do sono pesado. Os gestos prolongavam-se até a interrupção natural, por um sono comprido até o amanhecer ou pela necessidade imperiosa de ir lá fora dar uma mijada...





O PRIMEIRO MÉDICO QUE RESIDIU NO LUGAREJO SE REVELOU CRIATURA TÃO especial que ficou na minha memória como alguém incomparável por seus atributos humanos e por sua cultura. Italiano de origem, especialista em cirurgia, formou-se pela Universidade de Bolonha, sua cidade natal, e apareceu em Pau Gigante por razões circunstanciais.

Lá havia uma grande casa comercial - um verdadeiro empório - que fazia um tipo de negócio muito amplo como importador e centralizador do fornecimento das mais diversas mercadorias. Ocupava posição especialíssima numa época em que não havia estradas de ferro nem de rodagem na região, fazendo-se todo o transporte em lombo de burros. Conheci a proprietária, dona Jacinta Guidetti, já sexagenária, dirigindo incompetentemente uma empresa que entrara em franca decadência desde que os trilhos da ferrovia que

ligava Vitória a Minas cruzaram nossa vila, alterando a forma de ocupação das áreas circunvizinhas.

Devia ter sido a família mais abastada e de gosto mais requintado do lugar. O armazém ocupava um grande casarão, isolado de todas as outras moradias, e tínhamos medo de passar à noite por lá: pensávamos que fosse uma casa mal-assombrada. Mas a residência era a mais ricamente mobiliada da vila. Tinha dois pavimentos. No andar de cima ficavam os dormitórios – com móveis pesados, de madeira escura torneada, ricas cortinas de brocado e veludo –, bem como os banheiros. No térreo, dando frente para a rua, o grande salão de visitas, com sofás e poltronas estofadas, ornadas de tachinhas douradas, quadros nas paredes, os janelões com cortinas de alto a baixo. O aposento vivia em sombra, sempre fechado, e ao nele entrar se sentia um cheiro úmido de mofo. Dali se passava para a sala de jantar, cujos móveis guardavam características semelhantes quanto à cor e ao estilo, pois eram todos importados. Não me lembro de ter visto pratarias, mas as louças eram decoradas e enchiam as *étagères* e a cristaleira, cobrindo as paredes em torno da mesa. Uma grande porta se abria para um jardim um tanto abandonado, que se alongava até o ribeiro que corria paralelamente à rua principal. Por outra porta, a sala se comunicava com enorme cozinha dominada por uma longa mesa e pelo fogão de tijolos, onde a lenha crepitava na hora do preparo das refeições.

Tudo naquela casa refletia, em contraste com as outras residências do lugarejo, a educação e o gosto esmerado de pessoas que haviam vivido em países de cultura mais elevada. Assim, dispondo de folgados recursos econômicos, a

única filha de dona Jacinta fora educar-se na Itália. Casou-se com o doutor e ficou vivendo por lá.

Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, o médico foi incorporado ao exército italiano, ao qual serviu até o final do conflito. Assinada a paz, veio com a esposa ao Brasil – ele para conhecer a sogra, ela para rever a mãe e seus parentes. Foi durante essa estada em Pau Gigante que me aconteceu o acidente na vista direita. Atendendo ao apelo de papai, o dr. Foscolo Ghelfi – pois esse era seu nome – cuidou de meu caso, fazendo os curativos, utilizando os poucos recursos de que dispunha ali. Ele e a mulher foram tão carinhosos que me despertaram grande afeto. Estando a passeio, o doutor não aceitava de jeito nenhum envolver-se em outras atividades clínicas e, terminados os dois meses de férias, retornou para sua terra.

Poucos anos depois, porém, tendo perdido a esposa ainda jovem, voltou para tomar posse da herança que lhe coubera pela morte da sogra. Desta vez veio para não mais retornar.

Era homem de altura mediana, mais para gordo, de rosto corado, com pequeninas veias salientes nas bochechas que lembravam rios desenhados num mapa. Vestia-se sempre com ternos completos, não dispensando o colete que ninguém habitualmente usava no lugarejo. Fumante inveterado, passava pela rua com seu cachimbo recurvo sempre aceso, baforando pequenas nuvens de fumaça com o cheiro bom de fumo especial. Esse cheiro acabou impregnando sua casa, misturado ao odor de mofo do ambiente fechado, que nunca recebia ventilação ou um único raio de sol.

Mesmo desta feita, quando veio para sempre, não assumiu a condição de profissional da medicina. Não abriu

consultório, embora já então a cidadezinha contasse com sua primeira farmácia. Parecia ter se desencantado da profissão. Só atendia a casos especialíssimos no pequeno círculo de amigos que criou.

Era um solitário. Vivia para dirigir e liquidar a herança que lhe coubera, sem nenhum entusiasmo ou interesse econômico, dando a impressão de que, com a morte da esposa, a vida perdera todos os seus encantos.

Nesta vida solitária entramos eu, um de meus irmãos e um primo, todos com idades próximas. Ele nos convidava para jantar e muitas vezes ia preparar os pratos italianos que nos deliciavam. Ali fomos conhecer os melhores vinhos de sua terra, os bons queijos. Sua palestra era rica de conhecimentos, pois falava das artes, da música, das temporadas de ópera, de mil coisas das quais nunca havíamos tido notícia. Depois do jantar jogávamos partidas de bisco ou escopa até às nove horas da noite, quando nos recolhíamos a nossas casas. Quanto aprendi, quanto visionei de um mundo completamente estranho e maravilhoso, que só mais tarde pude ver de perto.

Como explicar que um homem criado e vivido em ambientes culturais tão desenvolvidos, com tantas possibilidades de organizar a vida em planos mais altos, aplicando sua inteligência e sua força da idade madura, tudo deixasse por uma vida sem horizontes, insípida, longe de tudo e de todos naquele canto perdido? Nunca pude ir além da explicação de que a perda da esposa lhe roubara todo o gosto de viver.

Enterrou-se em vida em Pau Gigante e lá foi enterado quando morreu, sem ter ninguém que lhe chorasse a morte.



NAQUELE TEMPO, NA MINHA TERRA, A INSTRUÇÃO SE RESUMIA AO ENSINO primário. Havia duas salas de aulas, uma para os meninos e outra para as meninas. Os alunos não se misturavam nem na hora do recreio, propositalmente descontraídas. Continuar os estudos era problema difícil, pois os residentes da vila, gente de poucos recursos, não podiam mandar os filhos para a capital do estado, onde havia ginásios. Alguns colonos dispunham de dinheiro suficiente para dar melhor educação aos filhos, mas em geral não se preocupavam em criar condições para que eles seguissem cursos superiores. Os filhos desses colonos cresciam, se casavam e continuavam todos dentro da fazenda onde tinham nascido, trabalhando toda a vida na terra que pertencia à família. Em vista disso, tão poucos rapazes do lugar faziam curso superior que talvez, por volta de 1930, só se pudesse apontar um único filho de lá que se tivesse formado. Alguns meninos terminavam o curso primário e continuavam a frequentar a escola pública, com a anuência do professor, repetindo o último ano para não esquecer o que já haviam aprendido - e também como recurso idealizado pelos pais para não vê-los vagabundeando pelas ruas. Era mais seguro tê-los na escola do que se atirando às perigosas aventuras que os atraíam quando nada tinham a fazer.

Mais tarde surgiu a possibilidade de certa ampliação dos estudos. Foi quando o dr. Oscar resolveu abrir sua escola particular. Ele era juiz de direito do município e, na mocidade, quando promotor na terra em que nascera, fundara colégio particular, granjeando fama de bom professor. Tendo tempo de sobra em suas atividades jurídicas,

cedeu às instâncias de um amigo que lhe conhecia as qualidades de educador e que necessitava de melhor aproveitamento nos estudos para um filho rebelde, já expulso de vários colégios onde estivera como interno. A família vivia em outra localidade, algo distante, e o menino veio morar na própria casa do professor. Tratava-se de um sobrado de boa construção que, além do térreo com salas de visitas e de refeições, tinha no andar superior a biblioteca e o escritório, assim como alguns quartos bons e espaçosos. Havia também um amplo sótão, que foi transformado em dormitório dos estudantes. Em breve esses se tornaram numerosos. Na sua maioria meninos vindos de fora. A reputação do colégio cresceu rapidamente e provocou intensa afluência de alunos. Nos últimos anos, havia rejeições por falta de espaço e de tempo. Em toda a redondeza, os pais de alguma visão buscavam vaga no colégio tão logo os filhos chegavam ao fim do curso primário.

Dr. Oscar era homem de meia-idade, boa estatura, alegre mas enérgico. Variável de gênio. Nas horas amenas, capaz das maiores condescendências, porém facilmente se irritava e, de tão iracundo, se tornava temível. Muito claro, olhos um pouco esbugalhados, usava os cabelos castanhos e muito finos repartidos no meio, fazendo duas ondas laterais, bem armadas na frente como os bigodes de mar formados pela quilha de uma lancha em alta velocidade. Sua casa possuía um jardim-pomar espaçoso, muito sombreado pelas árvores frutíferas espalhadas por toda a área.

Os garotos se distribuíam pelo jardim, estudando as lições ao ar livre, nos bancos ou no amplo caramanchão, coberto de sapé, localizado nos fundos do quintal. Sendo o mestre solteiro empedernido, comia de pensão. Os alunos

que moravam na casa só tinham direito à dormida. Faziam as refeições fora, nas pensões existentes nas vizinhanças. Por isso, a cozinha, jamais usada para sua função precípua, servia como sala de aulas. Era onde nos reuníamos para a tomada das lições e onde também se estudava nos dias de chuva. Estudava-se português, aritmética, corografia do Brasil, geografia geral, história do Brasil e francês. Conforme seu nível de conhecimento, os alunos eram divididos em grupos mais homogêneos, que estudavam as mesmas coisas e tinham em conjunto suas aulas.

Entrava-se às oito da manhã e se estudavam as lições marcadas até às onze. Saía-se para almoçar, retornando à uma da tarde. Continuava-se a estudar até a hora da tomada das lições, que variava em função da disponibilidade de tempo do professor. Após o almoço, dr. Oscar ia ao Foro despachar o expediente e conceder audiências. O que tinha de ser estudado era devidamente assinalado na aula anterior e, havendo tempo suficiente para cumprir as obrigações escolares, nada podia justificar o desconhecimento das tarefas. Quando um garoto não cumpria seus deveres, o pau comia. O professor se tornava uma fera. Dava cascos, puxões de orelha, metia a régua nos dedos e na cabeça da turma, pintava o diabo. A disciplina era boa e o rendimento escolar satisfatório, porque a garotada tinha mesmo um medo desgraçado do mestre.

“Depois da tempestade vem a bonança” - era dito que se aplicava perfeitamente ao nosso mestre. Passado o momento de irascibilidade em que ele exprobrava os alunos mais malandros, dizendo inclusive que não era ladrão do dinheiro dos pais deles, depois de lhes bater e botar de castigo, dr. Oscar amansava rapidamente. Agradava a todos,

voltava aos conselhos ponderados, dava-lhes doces e frutas, acompanhava-os ao jardim, indo com eles para os aparelhos de ginástica - barras, paralelas e balanços -, oferecendo prêmios aos que realizassem as melhores performances. Ou seguia com os rapazinhos até o rio, para vê-los tomar banho e apostar nos páreos de natação. Recomendava aos garotos vários tipos de ginástica para se desenvolverem harmoniosamente e se tornarem fortes. Era grande apologista do *mens sana in corpore sano*.

Debaixo das mangueiras do jardim-pomar havia um poço profundo, de água potável límpida e fresquíssima. Dali saía a água para toda a serventia da casa. Era tirada a baldes ou mediante o uso de uma bomba movida a mão, quando se devia encher a caixa d'água que servia ao banheiro localizado junto ao poço. O w.c. ficava lá no fundo do pomar e, à falta de esgoto, possuía uma fossa. A limpeza era rigorosamente observada e fiscalizada pelo mestre. E cada um era também fiscal do outro, pois o responsável pelo malfeito tinha de ser apontado a fim de receber o castigo devido.

Dr. Oscar tinha fama de muito econômico, de muito “seguro”. O indivíduo ficar solteirão já revela um inegável egoísmo; a incapacidade de dividir sentimentos se estende às coisas materiais. Aquele que não tem descendentes acaba instintivamente julgando que não terá ninguém para ampará-lo, e só pensa em ter reservas materiais que o mantenham independente, a coberto de necessidades. De fato ele era bastante “seguro”, mas fazia suas liberalidades com aqueles de quem mais gostava.

No colégio, entretanto, era exigente e aplicava a justiça com firmeza, dando sempre os melhores prêmios e recomendações aos que obtinham os mais brilhantes resultados.

Ficava entusiasmado com as inteligências vivas e fortes, distinguindo-as sempre nas solenidades de encerramento dos anos letivos, quando eram realizadas bonitas festas.

As sabatinas constituíam o arremate semanal dos estudos. O professor alinhava grupos de nível similar e fazia as perguntas dentro do programa estudado. A pergunta era feita ao primeiro da fila; se este a matava, outra pergunta lhe era feita. Cada resposta certa ou errada era anotada; atingido o total de dez respostas certas, o aluno recebia a nota máxima na caderneta e estava dispensado. Passava-se ao segundo da fila, quando novas perguntas eram formuladas. Caso um aluno não desse a resposta correta, recebia anotação negativa e a pergunta era passada ao longo da fila para os demais, até que alguém respondesse a contento. A sabatina versava sobre determinada matéria ou era “geral”, sobre tudo o que se estivesse estudando. Os que erravam muito entravam na régua, ficavam de castigo estudando o resto do sábado, e muitas vezes perdiam também o domingo quando os resultados desfavoráveis ocorriam ao se aproximar o fim do ano. À medida que o aluno apresentava melhores resultados, era promovido para grupos mais adiantados e podia acabar fazendo parte do primeiro deles, pois as promoções e rebaixamentos tinham por objetivo manter os grupos sempre equilibrados. Alunos houve que não foram aceitos nos anos subsequentes em virtude de não se aplicarem tanto quanto o necessário para merecerem renovação da matrícula.

Eu havia ficado mais tempo do que o necessário na escola primária, pois para lá era mandado apesar de já haver completado o curso. Conquanto o objetivo maior fosse o de manter-me fora das ruas, aquilo não podia continuar.

A escola do dr. Oscar já existia havia uns três anos, cada dia ganhava mais prestígio, cada ano recebia mais alunos - e eu marcando passo na escola pública. Desde muito antes o dr. Oscar gostava de mim. De todos os meus irmãos, que tão bem conhecia, eu merecia sua preferência. Convidava-me à sua casa mesmo antes de ter o colégio, dava-me revistas para ler, emprestava livros, oferecia-me doces e mandava tirar no pomar as frutas que quisesse. Dizia-se meu padrinho, sem o ser na verdade. Mas todo esse carinho não me fez querer ir espontaneamente para seu colégio. Sabia de sua severidade para com os alunos e não desejava expor-me àquelas violências que, junto com os elogios, acompanhavam a propaganda do colégio.

Mas chegou um dia em que, conversando com papai, dr. Oscar perguntou por que não me mandava para o colégio dele. E mais. Foi logo dizendo que gostava tanto de mim, que me achava tão aproveitável, que me queria como aluno gratuitamente. Quando recebi a notícia e soube das condições, fiquei em situação de não poder recuar.

No início do ano seguinte passei a frequentar a escola. Lá cheguei já com quinze anos, maduro intelectualmente mas muito franzino de corpo, mal entrado na puberdade. Entrei com um medo desgraçado do professor, que, embora realmente gostasse de mim, não me tratou de modo diferente dos outros na hora das obrigações escolares. Fui cauteloso e levei algum tempo para me sentir ambientado. Consciente de minha situação de quase favor, dei um duro miserável, fiz um esforço brutal para corresponder à confiança que ele tinha na minha inteligência. Durante um ano de estudo passei dos grupos mais baixos para o primeiro. Tão bem me apliquei que, no fim

do segundo ano, fui julgado em condições de poder ir à capital prestar exames finais no Ginásio Estadual. Passei sem problema em todas as quatro primeiras matérias. Isso me deu ânimo para prosseguir. Nos anos seguintes fiz novos exames de quatro matérias a cada ano, completando assim em três anos meu curso ginásial.

Isso decidiu meu futuro, porque, desde então, passei a ser ajudado pelo dr. Oscar em todos os sentidos para prosseguir nos estudos. Segui em frente e, completado o curso ginásial, parti para a universidade. Foi ele de fato quem possibilitou tudo, até minha formatura. Meu pai me deu uma parte da mesada durante algum tempo, mas depois o dr. Oscar o liberou de toda e qualquer contribuição. Quando viu que eu correspondia a seus desejos nos estudos, tivemos uma conversa séria, de homem para homem. Isso aconteceu quando prestei os primeiros exames e obtive aprovação. Desta conversa resultou o compromisso verbal de que ele continuaria a me ajudar durante todo o tempo de estudante desde que eu não sofresse nenhuma reprovação. Se por acaso isso viesse a acontecer, o auxílio seria suspenso até que eu, com meus próprios recursos, recuperasse o terreno perdido.



NO COLÉGIO DO DR. OSCAR ESTUDAVAM-SE APENAS AS MATÉRIAS BÁSICAS. AS restantes do curso ginásial só eram ministradas em lugar mais adiantado. Fiquei ante a necessidade de ir para a capital e para lá segui, matriculando-me no ginásio oficial do estado como ouvinte. Esta modalidade de estudante parece não existir em lugar nenhum. O estudante pagava uma pe-

quena taxa, usava uniforme igual ao dos estudantes regulares e ficava sujeito à disciplina geral, mas assistia às aulas em qualquer ano do curso, à sua escolha. Podia até assistir a aulas da mesma matéria em duas séries, desde que assim o desejasse e os horários fossem compatíveis. Foi o que fiz nas matérias em que necessitava de maior base, reunindo num só ano os conhecimentos que os alunos regulares adquiriam em dois. Em outros respeitos, o ouvinte praticamente não se distinguia dos regulares: fazia os mesmos trabalhos e era submetido às provas parciais, porém, sobre os alunos que vinham de fora fazer os exames parcelados, levava a grande vantagem de ser conhecido dos professores que constituíam as bancas examinadoras. Um bom aluno ouvinte - e eu o fui - granjeava a simpatia dos mestres, era apontado como exemplo para os alunos regulares vagabundos e tinha facilitada a tarefa de passar nos exames finais. Completei meu curso ginásial sempre nessas condições. Cumpri a parte do compromisso firmado de maneira correta, aprovado em todas as matérias na primeira tentativa. Como havia escolhido a carreira de médico, deixei para o último ano as disciplinas que seriam exigidas no exame de admissão à escola de medicina. A coisa, bem programada, foi também assim executada. O estudo atento daquelas matérias, dada a importância que tinham para o novo salto, resultou em base sólida.

O vestibular foi feito só com os conhecimentos trazidos do ginásio. Não frequentei cursos especializados para o exame de admissão. Foi muito bom o resultado obtido, pois, entre quatrocentos candidatos, classifiquei-me entre os quarenta primeiros. Ingressando na faculdade, nova etapa se abria no compromisso estabelecido anos antes, segundo o qual não podia sofrer reprovações. Mas nenhum

de nós jamais falhou naquele contrato verbal, sem o qual eu não teria chegado aonde cheguei.



DR. OSCAR FOI PARA MIM UM SEGUNDO PAI. E ME CONSIDERAVA PARA todos os efeitos como um filho. Solteirão, dizia a todos que eu seria seu herdeiro universal. Morreu cedo. Aparentando fruir ótima saúde, faleceu de repente de um colapso cardíaco, possivelmente um maciço enfarte de miocárdio não diagnosticado à época. Não me deixou a herança de bens materiais tal como pensara e desejara fazer. Foi apanhado de surpresa. Isso não me causou nenhum abalo. Não estava no meu destino ser rico sem fazer força. Ele tinha me dado tanto, me ajudara tanto, mesmo na formação do espírito, que não há bens materiais que a isto se possam comparar.

Pena ter ele morrido tão cedo, pois estava às vésperas de ter uma família, a família que nunca tivera. Íamos viver todos juntos. Ele com minha família, que eu acabara de constituir. Ia ter muitos netos nos meus filhos, que esperava adorar tanto quanto gostara de mim.

A vida é mesmo assim. Os sonhos mais ambicionados, mais almejados, às vezes se desfazem no limiar de sua realização. Senti mais por ele, que tudo perdeu quando esperava gozar o que acumulara, do que pelo que perdi das promessas. Muito fez por merecer o que estive tão perto de ser alcançado.



Ao deixar minha terra para continuar os estudos, fechou-se o período da infância para mim. Já era um rapaz. As perspectivas do novo horizonte da cidade, ampliando-se pelas aspirações de fazer ambiente e superá-lo, ou ao menos de me manter à tona, acompanhando os melhores, modificaram-me muito o espírito.

Ao voltar à casa nas primeiras férias já me sentia algo estranho, desengrenado da garotada que se transformava em rapaziada. Como o tempo de férias era curto, não permitia a total reintegração. Nos anos que se seguiram voltei menos vezes e, quando o fiz, foi por breves dias. Toda a minha família saiu de lá mais ou menos na época em que entrei para a faculdade, rompendo-se assim as amarras. Poucos foram os parentes que ficaram para trás. Perdi as razões imediatas e obrigatórias dos retornos. A vida ganhou outros rumos. Nunca mais lá voltei em pessoa. Faço-o aqui, o retorno através das recordações que passo para o papel.

POSFÁCIO

A maior parte destas breves recordações foi escrita na segunda metade da década de 50. Por essa época meu pai sofreu um enfarte e, talvez se defrontando pela primeira vez com a fragilidade da vida, viajou na memória ao vilarejo em que nascera e a que nunca havia retornado desde a juventude. Como costuma acontecer nesses casos, o retorno às origens geográficas tinha muito, se não mais, a ver com a recuperação da inocência perdida, com a lembrança dos calores do ninho familiar.

Ávido leitor e, no passado, tradutor bissexto “para ganhar uns cobres”, ninguém o sabia dado a escrever. Certamente nem ele, que só terá mostrado aquelas páginas a minha mãe sabe-se lá com que excessos de despreensão. Foi ela, assim, que certo dia me passou o caderno escrito em letra miúda mas perfeitamente legível (embora fosse ele médico), sem uma única rasura, com seus traços característicos: a barra horizontal do “t” inclinada, alçando vôo; a haste vertical do “d” curvada para trás, como um seis encolhido olhando-se no espelho.

Ao lê-lo com o prazer que ela previa, mergulhei naquele mundo tão diferente do meu com a curiosidade,

quase sempre sopitada, que em geral temos pela vida pregressa de nossos pais, cujos filmes só conhecemos quando eles já fazem papéis de adultos. Retalhos colhidos em conversas esparsas ajudam a formar uma imagem impressionista dos lugares onde viveram, da personalidade de seus próprios pais, mas, no caso de José Dauster – introvertido, arredio na exibição de seus sentimentos –, só mesmo aquele achado em preto e branco vinha abrir algumas janelas sobre sua infância.

Vencendo certa resistência do autor, que desmerecia o significado das reminiscências, datilografei seus escritos. Poucas cópias circularam entre os filhos e reduzido círculo de parentes mais próximos. Por insistência de Lucia, minha mulher, papai voltou a produzir tempos depois algumas páginas adicionais, sempre dizendo que nada valiam, mas só desse modo, entre outras coisas, ficou elucidado porque um Dauster de reverberações germânicas materializou-se por acaso na taba dos Motta e Silva...

Agora – bem mais velho do que ele quando as escreveu –, retomo antigo projeto de dar às memórias um enquadramento menos transitório. Não para consumo geral, e sim com o simples desejo de que familiares e amigos repartam comigo o gosto de conhecer melhor as raízes de um homem reto e bom. Faço-o, em parte, devido à insistência direta (outra vez!) de Lucia, e a telepática de Delvo, um primo dele, o qual, sem que disso eu soubesse, vinha instando minha irmã Tânia a não deixar que aquelas reminiscências caíssem para sempre no olvido.

No fundo, no fundo, a razão de fazê-lo agora terá sido uma vontade danada de me sentir mais perto dele sete anos depois que um derrame cerebral o emudeceu e,

contrariando o coração enfartado que teimava em bater, afinal o levou para além de todos os Paus Gigantes desse mundo. Vontade de tomar com ele mais um copinho de aguardente ou uísque sem gelo, quando as muitas porradas que tomou da vida já o haviam feito abandonar a falsa casmurrice que, junto com muitas virtudes, seguramente adquirira no convívio com seu próprio pai.

Nesta empreitada, limitei-me a reordenar o texto, evitando aqui e ali duplicações de palavras e comentários, porém cuidei sempre de não interferir no curso límpido e saboroso das narrativas, que fluem como a água fresca da Bica que ele e seus irmãos iam buscar quase sempre tão a contragosto. O diabo é que a releitura acende dúvidas, alimenta curiosidades, suscita perguntas que não se fizeram presentes no primeiro encontro com os escritos. Só que agora já não está por aí quem as possa responder.

Por exemplo, queria saber mais desses avós. Dela, Petrolina, nada poderia mesmo me lembrar, pois morreu quando eu tinha uns dois anos. Dele resta uma vaga figura, a pele estranhamente rosada por conta do vitiligo. Patriarcal ainda, presidindo a enorme mesa dos almoços de domingo no quintal da casa da Tijuca. A penca de tios e tias, dezenas de primos de idades variadas - pois já dizia minha mãe que as mulheres engravidavam só de olhar para um Motta e Silva. Típicas reuniões de família numerosa: as crianças se atropelando nas correrias que as deixavam suadas e sonolentas ao final do dia, os adultos falando mais alto do que de comum. Mas nenhum dos dois exerceu para mim aquelas funções tradicionais de avós, nunca tivemos um momento de intimidade. Será que era assim com todos os netos? Ou seqüela da oposição que fizeram ao casa-

mento de meus pais, embora supostamente superada com o passar do tempo?

Como explicar que sejam relatadas as aventuras que resultaram em duas fraturas, da perna e do crânio, enquanto aquele que terá sido o fato mais traumático de sua infância - se não de sua vida - é mencionado apenas *en passant* como o “acidente na vista direita”. Se, ao cortar palmitos com um facão, um de seus irmãos vazou-lhe então acidentalmente o olho, cegando-o e deixando uma marca cruel que só quando ele já era adulto foi encoberta por uma prótese? Qual o motivo da reticência? Desejo de salvaguardar o responsável involuntário? Incapacidade psicológica de lidar ainda então com o defeito? Pouco provável esta última hipótese, pois não deixara de me contar que carregou por muitos anos os apelidos de “galo cego” e “camões”. Aliás, como não demonstrasse qualquer dificuldade no cotidiano, sendo inclusive bom motorista, segundo ele a perda parcial de visão só o impedira mesmo de tornar-se cirurgião.

Entretanto, mais razoável é pensar que a virtual omissão do incidente se devesse a seu extraordinário pudor em manifestar qualquer tipo de sofrimento. A um estoicismo que, pelo menos numa ocasião, chegou às raias da insensatez. Certo dia, ao acordar-me como fazia de hábito, deixou sobre a mesinha de cabeceira um maço de cigarros e disse que não fumaria mais. Perguntado por que, respondeu que achava ter tido um enfarte na noite anterior e que sairia agora para fazer o eletrocardiograma (o qual simplesmente confirmou seu autodiagnóstico). Como é possível que o habitante de uma metrópole, em plena posse de suas faculdades mentais, ainda por cima médico, houvesse passado toda uma noite sentindo as

dores do enfarte sem procurar cuidados urgentes? Resposta: não queria chatear ninguém...

Mas de onde viria este traço de comportamento, que cheira a coisa aprendida nas tramas do dia-a-dia familiar? Quem sabe correspondia ao rigor com que outrora se definiam os atributos varonis, na cediça base de que “homem não chora”, os quais lhe teriam sido inculcados pelo pai. Outra pista, porém, pode estar na declarada devoção de seu Domício a uma mulher enfermiça, frequentemente prostrada por crises de asma, o que talvez lhe aumentasse a responsabilidade de não trazer preocupações e encargos à frágil cara-metade. Ora - por mera ironia do destino? -, José Dauster casou-se igualmente com uma mulher muito asmática, embora nada tivesse de frágil. Seu papel na casa, não fora ele também médico, consistia em servir sempre como sustentáculo na hora dos apertos, reforçando com isso o desejo de parecer infenso à dor...

Se há zonas de sombra, propositais ou não, em contrapartida ali se vê que muitos traços de seu caráter trazem a estampa indelével de meu avô Domício: a bondade, a retidão, o desprendimento, o descaso pelas coisas materiais. Lembro-me de que minha mãe instava anos a fio a que ele abandonasse o modesto consultório da rua Senador Dantas, cuja renda complementava seus vencimentos como médico do Hospital Central de Tuberculose e substituto eventual dos colegas que possuíam laboratórios de análise patológica. Dizia-lhe que abrisse um laboratório próprio, que mudasse a clínica para a Zona Sul, pois só assim apareceria como muitos de seus colegas que nem sempre tinham iguais habilidades. A resposta invariável era a de que não se endividaria para tentar nenhuma

aventura e, mais importante, não podia deixar desamparada sua clientela, que, em geral vivendo lá para as bandas da Tijuca e do Méier, sem dúvida ficaria impedida de arcar com o custo do transporte e das consultas mais caras que seria obrigado a cobrar.

E assim foi, só mudando o consultório para Ipanema nos últimos anos de prática da profissão, e isso pela necessidade de estar mais próximo de casa. Ao menos uma vez, porém, encontrou recompensa para seu estilo de ser. O marido de uma paciente não apareceu, como combinado, para pagar os honorários do parto; meu pai, é óbvio, nem pensou em cobrá-los, provavelmente imaginando que o trânsfuga estava em dificuldades financeiras e até se envergonhara de ir confessá-las. Mais de um ano depois, o indivíduo deu as caras no consultório, desmanchando-se em desculpas, e deixou um envelope contendo a soma devida. Meu pai - também chegado às fezinhas no bicho - preparou o jogo com os números das notas recebidas. Milhar na cabeça, honorários que não saberia exigir caso tivesse trazido ao mundo um príncipe.

Haveria algo de genético no seu pendor pela medicina? Afinal, parece estranho que, na ausência de um doutor e até de uma farmácia no lugarejo, seu Domício pudesse servir aos moradores valendo-se apenas de um receituário de remédios homeopáticos. Fica a dúvida, mas desconfio que boa parte da capacidade de cuidar das pessoas tem mais a ver com o dom da empatia. Meu pai, além de obstetra, pertenceu à raça em extinção dos médicos de família, dispondo-se a atender a chamados em casa a qualquer hora do dia e da noite. Ficava assim conhecendo os contextos familiares, aprendendo a ver quando um sintoma

físico correspondia à mera somatização da perda de um emprego, de uma crise conjugal. Por isso me dizia que, em oitenta por cento dos casos, só prescrevia algum remédio para evitar que o paciente, frustrado pela falta de reconhecimento de sua “doença”, fosse procurar outro médico, que terminaria lhe causando alguma enfermidade iatrogênica. Concluía, então, que em geral as pessoas precisam mesmo é de carinho.

E aí chegamos ao âmago da questão. É o carinho que ilumina aquele enorme clã, que o mantém unido, que em última análise permite a José Dauster transcender as estreitezas do ambiente em que viveu sua infância. O “pater familias”, apesar de seco e austero como o requeriam as normas de antanho, infunde à prole a devoção pela mulher e sabe também, imagine-se com que emoção para os guris, participar de uma ou outra noitada de víspera. Sem jamais levantar a mão para punir qualquer um dos endiabrados meninos que a cada dia arriscavam a vida em rudes folguedos, hoje substituídos pela simples manipulação dos botões de uma televisão.

A mãe, envolta com frequência nos vapores do Pó Japonês ou da alfazema queimada, assume quando pode a direção dos afazeres domésticos e não teme delegar poderes às filhas mais velhas para que usem os galhos de goiabeira quando necessário. Mas também se curvava sobre a banheira de folha-de-flandres lavando os meninos cobertos do pó dos campos de pelada, deixava na bandeja a galinha assada que seria devorada a caminho da cozinha, acolhia na cama de casal o que acordasse primeiro.

Irmãos que brincavam e brigavam juntos, que juntos iam se faltar das laranjas-cravo e juntos dividiam a tarefa

penosa de buscar a água de beber. Ricas intermediações: é o marido de uma irmã mais velha que convence o garoto fujão, nu em pelo, a voltar à noitinha sem o risco de ser castigado; é uma cria da casa que lhe ensina, num jogo de carícias dissimuladas, as astúcias da sensualidade.

E, mesmo fora do círculo familiar, sopram ventos cálidos. Do versátil dândi criador da banda, explicando pacientemente a cada garoto os mistérios do instrumento que lhe coubera, ao misterioso médico bolonhês que vai acabar seus dias entre as cortinas emboloradas de sombrio casarão, mas que não se exime de abrir às mentes de seus jovens parceiros de bisca panoramas insuspeitados de cultura e refinamento. Passando pela figura notável do mestre que, a partir de um compromisso de honra, empurrou meu pai para a escalada dos estudos superiores, para a conquista de uma profissão liberal. Aquele mercurial dr. Oscar que, ao ser surpreendido pela morte, já escolhera até a casa na Urca onde – quem sabe – faria as vezes do avô que realmente nunca tive.

Dizem pois as reminiscências, malgrado as limitações do meio e um acidente irrecobrável, que meu pai teve uma infância feliz. E nem se precisa ser freudiano de carteirinha para saber que, em condições minimamente normais, o que ali se colhe faz o homem. E, se tantos passam a seus filhos as neuroses que se lhes impuseram quando crianças, também é certo que outros saberão transmitir o carinho que outrora receberam. Assim aconteceu comigo. Não que tivessem deixado de existir em nossa família nuclear fortíssimas tensões, que as houve, mas nunca faltou o substrato de amor, a noção repetida e comprovada de que a casa era o “pique”, o local de refúgio em caso de necessidade.

E essa sensação fundamental de apoio e abrigo provinha dos dois. De formas muito diversas, conseqüentes à personalidade de cada um. Demonstrativa, passional, da parte de minha mãe. Contida, reservada, da parte do pai. Que também nunca levantou a mão para um filho, mas que só veio a se permitir as efusões de afeto, as trocas físicas, bem mais tarde, quando eu já era adulto. Tratei de fazê-lo muito mais cedo com os meus.

Por fim, para quem gosta de epílogos, aí vão alguns arremates.

Meu pai ainda estava por aqui quando o cometa Halley nos visitou pela segunda vez neste século, mas a passagem brilhante foi mesmo aquela presenciada em Pau Gigante. Ibiraçu, à margem da rodovia Vitória-Salvador, é hoje cidade progressista. Tanto suas ruas agora têm nome que uma das principais se chama Domício Martins da Silva, em homenagem àquele que, com breves interrupções, foi seu prefeito de 1908 a 1928. Pouco antes de morrer, uns trinta anos após ter escrito estas memórias, meu pai lá voltou na companhia de alguns de seus primos queridos. Santa Cruz despertou do sonho secular com a instalação vizinha de importante indústria de papel e celulose, mas duvido que ainda se peguem siris-patola nas praias da cidade.

Já chega a vinte o número de seus descendentes que receberam o nome resultante daquele afortunado erro de grafia: cinco filhos, treze netos, dois bisnetos. Minha mulher o adotou ao se casar, introduzindo-o entre o nome próprio e o de seu pai – o que pode até gerar, entre os menos avisados, a impressão de que nosso relacionamento seja incestuoso. Uma paciente dele, grata pelos cuidados recebidos, deu-o

JOSÉ DAUSTER

como nome próprio a seu filho, mais tarde oficial da Mari-
nha. Quantos mais virão?

Repousa em paz, José Dauster.

JORIO DAUSTER

Bruxelas, 1997

PÓS-POSFÁCIO

Graças à colaboração eficaz daquela metade de meus cromossomos que foi doada pelo dr. José, tenho a bem-aventurança de visitar o Memoriário vinte anos após escrever o posfácio de sua primeira edição. De lá para cá, eu e minha mulher, Lucia, ganhamos duas belas netas e dois belos netos, que carregam também o nome nascido de um erro de grafia. Com isto, chega hoje a 32 o número de membros do clã que trazem ou trouxeram Dauster como segundo nome ou sobrenome, e a família continua a se multiplicar: até agora, os quatro filhos de José geraram 13 netos, 12 bisnetos e uma tetraneta, dos quais infelizmente não mais estão entre nós duas de suas filhas e um neto.

O nome inventado continua a reverberar de formas curiosas. Além do oficial da Marinha que o obstetra José Dauster trouxe ao mundo e recebeu seu sobrenome como primeiro nome, outros o ostentam dessa forma embora eu desconheça as razões. Por outro lado, frequentemente me perguntam se sou descendente de alemães, pois imigrantes homônimos rumaram no século XIX da Europa para o continente americano. Nos Estados Unidos, a família é numerosa e conta com figuras de destaque, desde importante fun-

cionário do Senado a um jornalista esportivo especializado em basquete, passando por médicos, professores e artistas espalhados por todo o país.

Mais interessante, contudo, é que existe também “dauster” como substantivo comum. No Urban Dictionary, um repositório de gírias e expressões populares, a palavra significa uma cunhada-filha. Explicando: uma mulher casa com um homem cujos pais já morreram, mas ele tem uma irmã pequena que agora passa a ser criada pelo casal. Diz-se que a mulher tem agora uma “dauster” (combinando as palavras “daughter = filha” e “sister in law = cunhada”).



Em 2001, por fim conheci a Ibiraçu que sempre tinha desejado visitar na companhia de papai. E lá fui por conta daquela sonolenta via férrea que ele descreve de forma tão pitoresca, marcando a vida da cidadezinha com a passagem do trem de passageiros pela manhã, vindo do litoral, e à tarde, descendo de Aimorés, pouco acima da divisa com o estado de Minas Gerais. Construída nos primeiros anos do século XX para escoar a produção de café da região e do Vale do rio Doce, essa ferrovia serviu também para aculturar os índios krenak que ocupavam a região e, conhecidos como botocudos, eram temidos por sua agressividade. No entanto, mais ou menos na época em que meu pai nasceu se tornou conhecido o fato de que as então maiores reservas de minério de ferro do mundo estavam situadas no chamado Quadrilátero Mineiro – motivo pelo qual o traçado da via férrea que servia Pau Gigante foi alterado,

tomando em Governador Valadares o rumo sudoeste para alcançar Itabira e, mais tarde, Belo Horizonte.

A fome de minério de ferro provocada pela Segunda Guerra Mundial levou indiretamente ao estabelecimento em 1942 da Companhia Vale do Rio Doce – hoje conhecida apenas como VALE e uma das maiores empresas de mineração do planeta. Concessionária da Estrada de Ferro Vitória a Minas, na virada deste século a VALE já transportava por seus trilhos, além de milhares de passageiros, centenas de milhões de toneladas de minério, aço, carvão, calcário, granito, soja, açúcar, madeira, celulose e combustíveis em gigantescos e velozes comboios com centenas de vagões.

E eis que, como primeiro presidente da VALE privatizada, fui procurado em 2000 pelo então deputado federal Marcus Vicente, que veio me solicitar a construção de uma passarela sobre a via férrea atravessada pelos milhares de devotos que, saindo de Ibiraçu, visitavam a igreja de Nossa Senhora da Saúde, cujo culto foi trazido de Veneza pelos primeiros imigrantes. Não podendo atender ao pedido porque outras cidades mais populosas necessitavam ser atendidas prioritariamente pela empresa, ao menos consegui que no local se instalasse uma moderna cancela, que até hoje oferece suficiente proteção aos frequentadores da pequena igreja e do grande templo que ali foi erguido mais tarde. (Aliás, o município é um bom exemplo de tolerância religiosa pois nele se situa o belo Mosteiro Zen Morro da Vargem, primeiro templo zen-budista da América Latina, fundado em 1974.)

Na inauguração da cancela, muito emocionado, lá estive com minha mulher e um dos filhos, além de irmãos e amigos, tendo recebido o título de cidadão honorário da

cidade e circulado pelos lugares mencionados por meu pai em suas recordações. Como parte dos festejos, fomos recebidos muito carinhosamente na casa da prefeita, Naciene, esposa de Marcus, onde pudemos saborear uma polenta que fazia jus às melhores tradições da culinária italiana. E pude conhecer a rua Domício Martins, que homenageia meu avô, prefeito da cidade de 1908 a 1928.



O mais impressionante é que, quase trinta anos depois de sua morte, José Dauster é lembrado por antigos clientes ou, mais frequentemente, pelos filhos de antigos clientes que também sentiram a força e a bondade daquele médico de família tradicional. Entre os tributos mais significativos, reproduzo a seguir trecho do livro *O poder da oração*, escrito este ano pelo professor Maximiano de Carvalho e Silva. A ele devemos o retrato fiel de um homem íntegro e magnífico profissional.

“O Dr. José Dauster Motta e Silva (1907/1990), um dos últimos representantes da nobre estirpe dos médicos de família, foi uma notável figura humana que assinalados serviços prestou a todos nós. Ligou-se ao meu Irmão Francisco de Sales por trabalharem no Hospital São Sebastião, na região do Caju, destinado ao atendimento de tuberculosos. Vindo morar com a esposa Josefa Magalhaes a Silva e os filhos numa casa da mesma rua e do mesmo quarteirão da nossa, firmou conosco um relacionamento muito estreito, de que guardei para sempre as melhores lembranças. Num certo momento, era o médico providencial que tratava da nossa família, de modo especial de meus pais e de minha

cunhada Maria da Conceição, com um devotamento raro, o que o tornou pessoa muito querida em nossa casa.

Era o Dr. Dauster de uma família do Espírito Santo, irmão da mãe de um dos meus maiores amigos, Alvacir Pedrinha, e isto mais acentuava a estima que eu lhe consagra. Estava permanentemente à disposição dos clientes, que tinham por ele verdadeira adoração. O que ele falava depois de examinar o cliente era acatado como a melhor solução, até mesmo por meu pai, leitor obstinado das bulas de remédios, que tanto gostava de questionar as receitas dos médicos. De minha mãe ele resolvia os problemas até mesmo por telefone, conseguindo acalmá-la quando ficava descontrolada e com a pressão arterial alterada. Um prodígio, o Dr. Dauster!

Foi o obstetra que fez o parto de vários filhos de minha cunhada Maria da Conceição. Trabalhava com rara perícia, e por isso era requisitado por muitas parturientes que confiavam no que ele fazia com extremo cuidado e competência. Trabalhava com um auxiliar que em seu nome recebia as módicas quantias que cobrava pelos serviços prestados, e tinha na discrição com que nos atendia um dos traços característicos da sua personalidade.”



Esta nova edição do *Memoriário* nasceu da iniciativa de um ibiraçuense, Geremias Pignaton, estudante e pesquisador de história, que o considera um documento importante para os que desejam conhecer as origens da ocupação da região que hoje abarca as cidades de Ibiracu e Aracruz. Seu prefácio ajuda a compreender a coragem e determina-

ção dos colonos que ali se instalaram no final da década de 1870, uns vinte e poucos anos antes da chegada de meu avô Domício Martins da Silva e de sua mulher Petrolina, então recém-casados. E que ali criaram uma imensa prole, da qual José Dauster foi apenas o sexto de um elenco de doze.

Jorio Dauster
Brasília, 2017

